

Andrés Felipe Ramírez Giraldo

**PROCESSO DE MODIFICAÇÃO DE MODOS DE VIDA EM UM DISTRITO
RURAL DA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL SOB IMPACTO DE
ATIVIDADE MINERÁRIA**

Dissertação apresentada ao programa de pós graduação
em Saúde, Sociedade e Ambiente - Stricto sensu, nível
de mestrado como parte dos requisitos para obtenção do
título de magister scientiae em Saúde, Sociedade e
Ambiente

Orientador : Prof.^a Dr.^a Rosana Passos Cambraia
Co-orientador: Prof. Dr. Marivaldo Aparecido de
Carvalho

**Diamantina
2017**

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

G516p

Giraldo, Andres Felipe Ramirez

Processo de modificação de modos de vida em um distrito rural da Serra do Espinhaço Meridional sob impacto de atividade minerária / Andres Felipe Ramirez Giraldo. – Diamantina, 2017.
120 p. : il.

Orientador: Rosana Passos Cambraia

Coorientador: Marivaldo Aparecido de Carvalho

Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

1. Cultura. 2. Estilo de vida. 3. Mineração. 4. Saúde coletiva.
I. Título. II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 304.6

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Andrés Felipe Ramírez Giraldo

**PROCESSO DE MODIFICAÇÃO DE MODOS DE VIDA EM UM DISTRITO RURAL DA SERRA DO
ESPINHAÇO MERIDIONAL SOB IMPACTO DE ATIVIDADE MINERÁRIA**

Dissertação apresentada ao programa de pós graduação
em Saúde, Sociedade e Ambiente - Stricto sensu, nível
de mestrado como parte dos requisitos para obtenção do
título de magister scientiae em Saúde, Sociedade e
Ambiente

Orientador : Prof.^a Dr.^a Rosana Passos Cambraia

Data da aprovação : 07/02/2017

Prof.^a Dr.^a Ana Catarina Perez Dias
Departamento de Nutrição – UFVJM

Prof.^a Dr.^a Maria da Penha Rodrigues Firmes
Departamento de Enfermagem - UFVJM

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Lanza Queiroz
Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental – UFMG

Prof. Dr. Marivaldo Aparecido de Carvalho
Departamento de Ciências básicas e de Saúde – UFVJM

Prof.^a Dr.^a Rosana Passos Cambraia
Departamento de Farmácia - UFVJM

DEDICATORIA

Para Nubia, minha mãe, e Fabio, meu pai, que sempre me apoiaram nas decisões e escolhas da vida; que me ensinaram o valor do amor e a compreensão.

Para Juan Pablo e Maria Alejandra, meus irmãos, motivadores da vontade de continuar questionando a vida.

Para Dania, companheira e cúmplice de tantas ideias e pensamentos.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, Minas Gerais (Brasil), pelo acolhimento e bom recebimento nas suas casas e na comunidade.

Ao pessoal da Secretaria de Saúde e, em geral, à prefeitura do município de Dom Joaquim (MG, Brasil), pelo bom recebimento para o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Dra. Rosana Passos Cambraia, pela paciência e boa disposição para me ajudar no processo de formação e conclusão do mestrado; pelo bom ensinamento na vocação de educar e aprender.

Ao professor Dr. Marivaldo Aparecido de Carvalho, pelas sempre proveitosas e reveladoras aulas e conversas.

Aos professores do mestrado interdisciplinar Saúde, Sociedade e Ambiente, pelas aulas que me permitiram poder olhar para a realidade com uma visão interdisciplinar.

À Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri e à parceria Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras - Organização dos Estados Americanos, GCUB/OEA, pela grande oportunidade de ter vindo para continuar meus estudos e de ter vivido novas experiências culturais.

Aos meus amigos brasileiros pelo ensinamento das diversas expressões da cultura brasileira e pela paciência nas explicações da língua portuguesa.

RESUMO

A atividade minerária, inserida no modelo econômico atual de produção de capital, é vista como fonte de riqueza tanto para o setor privado quanto para os Estados, porém, traz uma série de impactos sociais, ambientais e à saúde de comunidades rurais e tradicionais. Assim, a mineração recebe atenção sob diversos olhares de diferentes sujeitos sociais, que têm ao mesmo tempo diferentes interesses. Este trabalho de pesquisa adere-se à preocupação que existe frente aos efeitos culturais, sociais e ambientais decorrentes da mineração e a sua conexão como a saúde, pois esta é um processo complexo, que depende desde as dimensões maiores, isto é, sociais até as menores desenvolvidas no indivíduo. De tal modo, são aqui estudados os modos de vida como parte da realidade social e grupal que fazem parte desse processo complexo que é a saúde-doença. Teve como objetivo principal, compreender o processo da mudança dos modos de vida imposto pela presença de um empreendimento minerário. Para isto, foram verificadas as mudanças no ambiente dos habitantes da micro área de São José da Ilha no município de Dom Joaquim (Minas Gerais, Brasil), assim como os efeitos na relação entre as pessoas e, das pessoas com o seu entorno, após a chegada da atividade minerária. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com observação participativa e emprego de entrevistas abertas. Foram utilizados câmara fotográfica para registro de imagens, gravador de voz digital para as entrevistas e diário de campo para registro de notas do pesquisador. Houve também uso de fontes secundárias de informação, como as fichas de cadastramento da Estratégia da Saúde da Família e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As informações foram analisadas com o método de análise de conteúdo temática, para a qual utilizou-se o aplicativo de informática NVivo (v.9). Observou-se que no local as atividades de trabalho estão relacionadas com o uso da terra para a manutenção das famílias, contudo, com a presença do empreendimento na região, surgiram outros trabalhos, que afastam a comunidade do trabalho rural propriamente dito, assim como de outras expressões dos seus modos de vida tradicionais. No caso aqui estudado, o empreendimento impôs condições materiais e simbólicas que fazem com que as pessoas legitimem a presença e uso dos seus recursos pelas melhorias de infraestrutura no município e situação econômica nas famílias, as quais, tiveram membros empregados nas firmas na época de auge de trabalho (época de implantação da mina). Perante ao processo de mudança nos modos de vida tradicionais é importante sua revalorização, pois têm permitido e permitem a soberania territorial e segurança alimentar baseadas nos conhecimentos tradicionais do uso da terra, ameaçados por dito processo de mudança.

Palavras Chaves: Cultura, Estilo de Vida, Mineração, Saúde Coletiva.

ABSTRACT

The mining activity, developed in the current economic model of capital production, is seen as a source of wealth for both the private sector and the state, but it brings a number of social, environmental and health impacts to rural and traditional communities. This receives, therefore, attention from diverse glances of different social subjects with different interests. This research is framed in the concern that exists about the cultural, social and environmental effects derived from the mining and the connection of these with the health, since this is a complex process in which they intervene from the larger dimensions, that is, social to the smallest, developed in the individual. In this sense, ways of life are studied as part of the social and group reality that are part of the health-disease process. The main objective was to understand the process of transformation of the ways of life imposed by the presence of a large mine. For this, the transformations in the environment of the inhabitants of the São José da Ilha micro area of the municipality of Dom Joaquim (Minas Gerais, Brazil) were verified, as well as the transformations in the relations between people, and people with its environment, after the arrival of the mining activity. This was a qualitative research with participant observation and use of open interviews. Photographic camera for image registration, voice recorder for interviews and field diary for the recording of investigator's notes were used. Secondary sources of information were used, such as the records of the Family Health Strategy and data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics. The interviews were analyzed using the thematic content analysis method, using NVivo (V9) software. It was observed that in the place, the work activities are related to the use of the land for the sustenance of families, nevertheless, with the presence of the great mining company in the region, other works appeared that distant the people of the rural work, as well as other expressions of their traditional ways of life. In the studied case here, the mining company imposed material and symbolic conditions that make people to legitimate their presence and the use of resources for improvements in the infrastructure of the municipality and the economic improvements of families, which had members employed in outsourced companies in the time of work boom (time of assembly of structures of the company). Faced with this process of transformation of traditional ways of life, it is important to revalue them, as they allow and have allowed territorial sovereignty and food security based on traditional land use knowledge and are threatened by this process of transformation.

Key words: Culture, Life Style, Mining, Collective Health

RESUMEN

La minería, practicada dentro del modelo económico actual de producción de capital, es vista como fuente de riqueza tanto para el sector privado como para los Estados, sin embargo, trae una cantidad de impactos sociales, ambientales y a la salud de comunidades rurales y tradicionales. Recibe por tanto, atención desde diversas miradas de diferentes sujetos sociales con diferentes intereses. Este trabajo de investigación se enmarca en la preocupación que existe frente a los efectos culturales, sociales y ambientales derivados de la minería y la conexión de estos con la salud, pues esta es un proceso complejo en la que intervienen desde las dimensiones más grandes, es decir, sociales hasta las más pequeñas, desarrolladas en el individuo. En ese sentido, son estudiados los modos de vida como parte de la realidad social e grupal que hacen parte del proceso salud-enfermedad. Tuvo como objetivo principal, comprender el proceso de transformación de los modos de vida impuesto por la presencia de una mina de grande porte. Para esto, fueron verificadas las transformaciones en el entorno de los habitantes de la micro área de São José da Ilha del municipio de Dom Joaquim (Minas Gerais, Brasil), al mismo tiempo que las transformaciones en las relaciones entre las personas y de las personas con su entorno, después de la llegada de la actividad minera. Se trató de una investigación cualitativa con observación participante y uso de entrevistas abiertas. Fueron utilizados cámara fotográfica para registro de imágenes, grabador de voz para las entrevistas y diario de campo para registro de notas del investigador. Se hizo uso de fuentes secundarias de información, como las fichas de registro de la Estrategia de Salud de Familia y datos del Instituto Brasileiro de Geografía y Estadística. Las entrevistas fueron analizadas con el método de análisis de contenido temático, para lo cual se utilizó el software NVivo9. Se observó que en el lugar, las actividades de trabajo están relacionadas con el uso de la tierra para el sustento de las familias, sin embargo, con la presencia de la grande empresa minera en la región, surgieron otros trabajos que alejan las personas del trabajo rural propiamente dicho, así también como de otras expresiones de sus modos de vida tradicionales. En el caso estudiado aquí, la empresa minera impuso condiciones materiales y simbólicas que hacen que las personas legitimen su presencia y uso de recursos por las mejoras en la infraestructura del municipio y las mejoras económicas de las familias, las cuales, tuvieron miembros empleados en empresas tercerizadas en la época de auge de trabajo (época de montaje de estructuras de la empresa). Frente a este proceso de transformación de los modos de vida tradicionales, es importante una revalorización de los mismos, pues permiten y han permitido la soberanía territorial y seguridad alimentar basados en conocimientos tradicionales de uso de la tierra y que se encuentran amenazados por ese proceso de transformación.

Palabras Claves: Cultura, Estilo de vida, Minería, Salud Colectiva

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto de pai e filho, lavradores de seu sítio na micro área de São José da Ilha, Dom Joaquim, MG, 2016.....	57
Figura 2 - Foto de moita de capim e gado comendo o que os sítiantes dispõem para os animais, 2016.....	58
Figura 3 - Foto de terreiro: consertando alguma coisa de tantas no sítio, 2016.....	60
Figura 4 - Fotos do processo de produção de cachaça, aguardente de cana de açúcar, 2016.	61
Figura 5 - Foto de um lugar de “trabalho por encomenda”, 2016.	62
Figura 6 - Foto de cozinha externa com fogão de lenha na hora do almoço, 2016.	63
Figura 7 - Foto de forno a lenha tradicional, 2016.	63
Figura 8 - Fotos de hortas cercadas, 2016.	64
Figura 9 - Foto mostrando moradora preparando ‘coxinhas de galinha’, 2016.	65
Figura 10 - Foto mostrando moradora com produto da hora, 2016.....	66
Figura 11 - Foto do campo de futebol em horário de treino na Ilha, 2016.....	66
Figura 12 - Foto de troféus de futebol num bar da Ilha, 2016.....	68
Figura 13 - Foto de violeiro e cantador de música sertaneja para passar o tempo, 2016.....	69
Figura 14 - Foto de uma pessoa domando e cuidando dos cavalos, 2016.	71
Figura 15 - Foto de um pomar local cercado, 2016.	72
Figura 16 - Foto de poço para peixes em um sítio, 2016.....	73
Figura 17 - Fotos de terreiro com galinhas e galinheiro, criação para consumo próprio, 2016.	73
Figura 18 - Foto de engenho de cana de açúcar, 2016.	78
Figura 19 - Foto de trapiche, tacho de cobre em um engenho para produção de rapadura, 2016.	78
Figura 20 - Fotos cruzando o rio em pinguelas, 2016.	79
Figura 21 - Foto de carro de boi em um barracão de sítio, 2016.....	79
Figura 22 - Local de extração do minério de ferro do empreendimento Minas-Rio e Dom Joaquim. Fonte Google Earth. Imagem de novembro de 2016.....	80
Figura 23 - Adutora de água do Empreendimento Minas-Rio no município de Dom Joaquim, MG. Fonte Google Earth. Imagem de novembro de 2016.....	81
Figura 24 - Foto de parte de um sítio que ficou impactado pela instalação do duto, até o momento desse jeito. 2016.	84
Figura 25 - Foto da planta elevatória de água da Anglo American em Dom Joaquim, MG, 2016.	86
Figura 26 - Foto de placa de convênio entre a prefeitura e a Anglo American para revitalização de infraestrutura, na entrada da sede do município, 2016.	87
Figura 27 - Foto do duto de água instalado no território de São José da Ilha 2016.....	88
Figura 28 - Foto mostrando a separação de espaços no território pela instalação do duto, 2016.....	88
Figura 29 - Foto de sinais que mostram locais onde o duto de água se encontra enterrado, 2016.	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pirâmide populacional da micro área de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, MG, 2016.....	92
Gráfico 2 - Distribuição porcentual da HA de acordo com o sexo na micro área de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, MG, 2016.....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Doenças referidas nas fichas de cadastramento da ESF de acordo a faixa etária, micro área de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, MG, 2016.....	93
Tabela 2 - Prevalência de HA segundo o sexo na micro área de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, MG, 2016.	93

LISTA DE SIGLAS

ADA: Área Diretamente Afetada

ACS: Agente Comunitário de Saúde

AID: Área de Influência Direta

APS: Atenção Primária a Saúde

DIA: Diabetes

ESF: Estratégia de Saúde de Família

HA: Hipertensão Arterial

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAP: Movimento dos Atingidos pela PETROBRAS/SIX

MG: Minas Gerais

PIB: Produto Interno Bruto

PNSIPCF: Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta SANS: Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável

SEMAD: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	Apresentação	25
2	Introdução.....	27
1.1	Relação humano-natureza	31
1.2	O “Habitus”: “estrutura estruturada e estruturante”	35
1.3	Representações sociais.....	36
1.4	Modos de vida.....	38
1.4.1	Modos de vida e determinação social da saúde.....	39
2	Objetivos e Metas.....	43
2.1	Geral	43
2.2	Específicos	43
3	Justificativa e relevância.....	45
4	Materiais e métodos	47
4.1	Delineamento	47
4.2	Local.....	48
4.3	Participantes e fontes de informação.....	49
4.3.1	Critérios de inclusão.....	49
4.3.2	Critérios de exclusão	49
4.4	Material	49
4.5	Procedimentos	49
4.6	Análise de dados	51
5	Considerações éticas.....	53
6	Resultados.....	55
6.1	Os modos de vida	55
6.1.1	Cotidiano	56
6.2	Presença da mineradora	80
6.2.1	Chegada da mineradora a São José da Ilha	81
6.2.2	Época do auge de trabalho	82
6.2.3	Presença atual no território	85
6.3	Algumas situações a respeito da saúde em São José da Ilha	91
7	Discussão - Processo de influência da mineradora na mudança dos modos de vida.....	97
8	Considerações finais	107
	REFERÊNCIAS	109
	ANEXOS E APÊNDICES	115

1 Apresentação

Formado no curso de Sistemas de Informação em Saúde na “*Facultad Nacional de Salud Pública - Héctor Abad Gómez*” da “*Universidad de Antioquia*” da cidade de “*Medellín*” na Colômbia, o qual se encontra na área da Saúde Pública, desenvolvi interesse pela pesquisa nesta área.

Foi nos semestres mais avançados da formatura que tive a oportunidade de conhecer as professoras Esperanza Echeverry e Yadira Borrero, que me permitiram participar nas reuniões da linha de pesquisa de “*Derecho a la salud y luchas sociales por la salud*”, na qual participei vários anos na Colômbia. Nesta linha, conheci o professor Gabriel Otalvaro, que me convidou para o grupo de estudos sobre a determinação social da saúde, paradigma que me fez olhar para a academia e a pesquisa de maneira diferente, pois havia preocupação pelo processo saúde-doença como um processo complexo e social.

Foi isto que criou em mim a vontade de estudar a saúde relacionando-a aos fenômenos sociais. A possibilidade de estudar no Brasil, veio graças ao convênio da Organização dos Estados Americanos e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (OEA/GCUB), pois fui contemplado com uma das bolsas oferecidas aos estudantes latino-americanos. O mestrado interdisciplinar em Saúde, Sociedade e Ambiente, foi uma opção muito interessante, precisamente pela interdisciplinaridade, motivo pelo qual busquei o programa, o que deu certo.

Um fenômeno que constantemente apresenta problemas, que em geral são conhecidos através das notícias e dos relatos de pessoas afetadas, é o da atividade minerária. Historicamente presente na América Latina, atualmente continua dentro da lógica de uso e abuso da natureza e de impacto nas populações humanas, me motivou a querer aprofundar no conhecimento das consequências dessa atividade minerária.

Foi assim que o interesse pelo tema, junto com as possibilidades do mestrado na combinação dos aspectos sociais, ambientais e sanitários, me levou à procura de respostas sobre esse tema.

2 Introdução

A relação entre ser humano e natureza é inquebrável para o ser humano, pois, nesta estão as condições e elementos que lhe permitem a vida. Mas esta relação muda entre épocas e lugares, e com o passar do tempo parece que essa relação fica cada vez mais distante, já que é mediada pelos artifícios desenvolvidos historicamente pelo humano.

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A Natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da Natureza. Agora, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução. (SANTOS, 2011, p. 43)

Santos (2011) afirma que “A Natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da Natureza” (2011, p. 43), isto, nos remete ao assunto da concepção do ser humano, sobre o mundo e o agir sobre este. Carvalho (2002) nas suas reflexões teóricas sobre essa relação humano-natureza, elucida como as representações que o homem faz da sua realidade age sobre ela.

Contudo, essas representações também estão mudando o tempo todo na medida que o homem acumula conhecimento e o reproduz, criando condições que podem determinar parcialmente essas representações e, nesse sentido, o jeito de agir.

O passo e a evolução do homem na história têm se desenvolvido na procura contínua de atendimento das necessidades com maior facilidade e rapidez, elaborando caminhos e ferramentas que possam dar conta de dita tarefa. É pelo trabalho que o homem consegue satisfazer as suas necessidades, que já não são mais somente necessidades vitais, mas necessidades criadas pela exteriorização do homem que faz “um mundo objetivo” e que junto com o trabalho se modificam (BOURG, 1997, p. 126).

A criação de artifícios e técnicas para o trabalho de um jeito mais fácil e rápido, ligado as formas de habitar e se relacionar na vida, permite a diferenciação, falando geralmente, de dois tipos de pensamentos: “pensamento civilizado” e “pensamento selvagem”, colocados em debate por Carvalho (2002). Estes dois pensamentos, são compreensões do mundo, com lógicas diferentes, e por causa do processo de globalização acelerado existe domínio do primeiro sobre o segundo, sendo ao mesmo tempo uma visão.

Nessa classificação, o primeiro pensamento tem se desenvolvido numa administração do mundo como fonte de recursos, dominado e que é transformado para atendimento de necessidades, não tão necessárias, que abusa do que é preciso para a conservação da vida do homem e compromete outras expressões da vida desmesuradamente.

Embora “a vida humana não seja possível sem uma certa forma de degradação do meio ambiente” (BOURG, 1997, p.78), este pensamento, alicerçado na objetivação do mundo o separa e fragmenta, fechando os olhos perante o conjunto interdependente que é a vida.

Enquanto o segundo pensamento tem entendimento do mundo como lar e ser com vida própria, do qual o humano é parte juntamente com os demais seres, e onde existe troca e fluxo constante de energia, precisando o homem usar a energia, mas também retorná-la à natureza, estando ciente da interdependência (CARVALHO, 2002, p. 15). Isso se torna uma questão relevante na medida que o pensamento civilizado consegue se impor, estabelecendo uma forma universalizada de viver e se relacionar com a vida.

Desde momentos distintos da história, na relação humano-natureza tem se constituído modos de vida grupais, onde o estabelecimento de comunidades e sociedades foi sempre mediado pela transformação da natureza pelo homem mas, ao mesmo tempo, a transformação do mesmo homem segundo as condições externas e internas dele mesmo.

As atividades do homem, segundo as descrições de Carvalho (1992) a respeito das sociedades caçadoras-coletoras e seu desenvolvimento até a atualidade, em relação aos processos produtivos primários como a agricultura e o extrativismo, demonstram como o desenvolvimento do homem tem sido dependente da exploração e emprego da natureza. Mas, existe uma diferenciação nas formas, motivos e impactos de dita exploração e emprego.

Na atualidade o “pensamento civilizado” hegemônico, enraizado no modelo econômico que tem entre suas características a mercantilização que valoriza o ambiente como recurso com valor de cambio com fins lucrativos e, busca o constante aumento dos níveis de produção e consumo, traz como consequência maior perda de biodiversidade e, portanto, a instabilidade da reprodução da natureza e dos seres vivos, pois essa condição de vida fica relevado pela condição de recurso lucrativo e de acumulação de capital (BREILH, 2010a, p. 91).

Assim, dentro dessa lógica, se encontra um processo produtivo de grande impacto global em diversos campos como o social, ambiental, tecnológico, econômico, etc.: o extrativismo em larga escala e, mais especificamente a mineração. Esta tem se tornado uma atividade de importância tanto para a manutenção da capacidade econômica dos países, quanto para manutenção dos ritmos de avanço da ciência e tecnologia pelos produtos de dita atividade e para o sustento do ritmo de vida das pessoas no seu cotidiano embora acarrete sérios problemas ambientais e sociais que atingem basicamente os países em desenvolvimento econômico (GUDYNAS, 2014).

Estas atividades, com suas consequências, estão presentes na América Latina, onde existe resistência e manifestações contra as atividades extrativas nocivas que são cada vez mais visíveis. E mesmo os governos mais progressistas, que fizeram parte e foram apoiados por movimentos sociais, que resistem à constituição de Estados que mercantilizam os direitos humanos e a vida em geral, não são menos apregoadores de ditas atividades do que os governos mais ligados às políticas neoliberais (VILLEGAS, 2014).

Ainda assim, é considerada uma estratégia eficaz e legitimada de crescimento econômico que contribui para a geração de riqueza e para a luta contra a pobreza e as desigualdades (PEREIRA, 2015, p. 59)

Nesse contexto, com relação aos impactos ambientais e sociais e a sua relação com a saúde, o Brasil apresenta situações peculiares que devem ser levadas em conta. O desenvolvimento de pesquisas vem demonstrando os efeitos nocivos na saúde, no ambiente e na

vida em geral, decorrentes de atividades como a mineração. Na literatura científica encontramos vários tipos de pesquisas que investigam os efeitos da atividade minerária na saúde das populações, levando em conta tanto aspectos ambientais quanto sociais, em diversas abordagens e metodologias. A seguir são citados alguns trabalhos que evidenciam os impactos da atividade minerária no ambiente, na sociedade e também na saúde da população.

Algumas pesquisas revelam o acometimento de doenças em comunidades próximas aos empreendimentos, seja pela exposição aos produtos químicos usados na exploração do minério, seja pela exposição ao próprio minério em extração ou indiretamente. Foi o caso do estudo realizado por Sakuma et al. (2010) com crianças que ficaram expostas ao arsênio em áreas de mineração de chumbo. Embora não tenham sido estudados os agravos, constatou-se a presença desta substância na urina, dada proximidade das moradias locais onde existia arsênio seja próximo das mineradoras ou da fonte natural.

Braga et al. (2007) pesquisaram a relação de sintomas corporais de pessoas que moravam próximas a atividades minerárias de cal e gesso, e revelaram estatisticamente relações significativas entre a poeira produzida por dita atividade e sintomas como irritação dos olhos, da pele e tosse. Já Medeiros et al. (2010), estudaram a qualidade do ar e sua relação com doenças respiratórias em moradias próximas de uma mineradora de ferro a céu aberto.

A relação do ambiente com a segurança alimentar e nutricional também foi pesquisada. No trabalho de Brabo et al. (1999) verificou-se a contaminação dos recursos para a alimentação, sendo neste caso a contaminação dos peixes por mercúrio, que são fonte principal de consumo da comunidade indígena Sai Cinza, no Estado do Pará (Brasil).

Assim também mostraram outros estudos a respeito da relação dos empreendimentos extrativos de minérios com a saúde (DI GIULO et al., 2012; LOYOLA et al., 2010; LEITE e SCHÜLER-FACCINI, 2001; BIDONE, et al., 2001). Na sua maioria constatou-se a relação dos impactos ambientais destas atividades extrativas com a saúde desde diferentes áreas de estudo, como por exemplo as que foram mais focadas desde a química (CARVALHO et al., 2009; SANTOS et al., 2003).

Estas pesquisas, embora tenham em conta aspectos sociais e ambientais e sua relação com a saúde, ainda não estão focadas na compreensão das condições e relações cotidianas das pessoas perante a presença das mineradoras. Nesse sentido, outras pesquisas vêm surgindo, com distintas abordagens, visando compreender a relação da atividade mineraria e sua influência na vida das pessoas em comunidades impactadas.

Watanabe e Ferreira (2011) pesquisaram impactos sociais em uma comunidade rural no estado de Paraná (Brasil), deslocada por “fins de utilidade pública”, para exploração de folhelho pirobetuminoso. Esta pesquisa demonstrou como as pessoas se defrontaram ante diversas situações frente ao processo de afastamento do seu lugar tradicional de moradia, com formas de viver já consolidadas. O estudo apontou que há um componente importante visto desde uma perspectiva que defende que o conhecimento gerado sobre este tipo de fenômeno não pode deixar de fora a participação das comunidades envolvidas. Por exemplo, na pesquisa há referência ao Movimento dos Atingidos pela Petrobras/SIX (MAP), o qual é considerado como um movimento

inserido na luta pela justiça ambiental. A participação dos atingidos por atividades de produção que geram injustiças sociais e ambientais se dá por meio de organizações e movimentos sociais que têm um importante papel na produção de conhecimento em diversos sentidos. Sobre isso, Porto e Finamore (2012) refletem que:

[...] diversos conhecimentos locais mobilizados e sistematizados pelas populações atingidas e organizações de justiça podem avançar não apenas na capacidade de gerar respostas cientificamente mais adequadas, mas também, e fundamentalmente, em sua articulação com a mobilização política dos sujeitos coletivos na transformação da própria sociedade e seus processos geradores de injustiças ambientais. (PORTO e FINAMORE, 2012, p. 1495)

O fato das populações atingidas não poderem gerenciar os riscos decorrentes das atividades extrativistas, mas que é, geralmente realizado pelas empresas, coloca o processo de geração de conhecimento numa situação limitada e relevante, a partir de duas dimensões principais: a epistemológica e a política (PORTO; FINAMORE, 2012, p. 1.495). A primeira refere-se à questão do conhecimento e as incertezas, o que se sabe sobre o risco, seus efeitos e a capacidade de controlá-los; a segunda, tem a ver com quem toma as decisões a respeito de uma população, baseados em conhecimentos que não dão conta do modo de viver e agir dessa população.

Desse forma, levando em conta o conhecimento das pessoas acerca do seu cotidiano, e agregando o conhecimento de diversas áreas científicas, é possível propor soluções mais abrangentes, integrais e participativas, que possam dar conta de um gerenciamento das possibilidades.

Assim também, a pesquisa realizada por Arregui (2015) sobre conflitos sócio ambientais da indústria de alumínio em uma comunidade quilombola, analisa as mudanças nas tecnologias tradicionais e as formas de trabalho da comunidade, que envolvem também o corpo humano (o jeito de trabalhar), perante a presença da mineradora. Essa análise é realizada desde a perspectiva da biopolítica, permitindo ter uma visão quanto ao papel de um grande empreendimento na modelagem e limitação das vidas de pessoas que tinham uma forma de se desenvolver pessoal, social e ambientalmente, esquecendo e relegando formas tradicionais.

Também nessa direção, existem algumas pesquisas desenvolvidas na região de presença da Mineradora Anglo American no Estado de Minas Gerais. O diagnóstico socioeconômico da Área Diretamente Afetada (ADA) e Área de Influência Direta (AID) da Mina da Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração S.A. (Ex-MMX Minas-Rio Mineração S.A.) foi realizado entre agosto de 2010 e maio de 2011 (DIVERSUS, 2011). Contém extensa quantidade de informação a respeito de condições sociais, culturais e ambientais, principalmente nos municípios de Conceição do Mato Dentro, Alvorada de Minas e Dom Joaquim.

Outras pesquisas apresentam alguns impactos sobre as comunidades tradicionais em Conceição do Mato Dentro a respeito dos seus modos de vida, após a inserção da empresa na região (GUSTIN e SANTOS, 2013; ZUCARELLI e SANTOS, 2015).

As evidências apresentadas nesses estudos são parte dos inúmeros processos e das consequências que pode ter a mineração, focadas em diversos ângulos, mas que sempre parece ter impacto sobre a saúde e a vida em geral da população.

Porém, torna-se para algumas pessoas e instituições, uma situação secundária dada a importância de dito setor para a economia do país e, pela necessidade de minérios no mundo. Nesse sentido, segundo o Plano Nacional de Mineração 2030 (BRASIL, 2011) o setor mineral participa com 4,2% do Produto Interno Bruto (PIB) e 20% do total das exportações brasileiras, gerando um milhão de empregos diretos, o equivalente a 8% dos empregos da indústria (p. XVIII). Além disso, o Brasil foi no ano 2008 o primeiro fornecedor para o mundo de nióbio e o segundo de ferro, o que, como foi dito, legitima junto ao Estado as consequências da atividade extrativa.

No entanto, é preciso insistir que o Brasil conta também com políticas de saúde onde se reconhece “que a saúde é determinada pelas condições econômicas, sociais, culturais e ambientais em que vivem as comunidades e populações”, conforme a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF) (BRASIL, 2013). Esta, reconhecida pela União, suscita o debate perante ditas atividades que atingem fortemente as pessoas do campo e, também a continuidade e avanço na procura do conhecimento sobre a mudança que pode gerar a atividade minerária na vida e na saúde de comunidades.

Diante este cenário, a mineração não é uma atividade meramente para geração de divisas no país; é importante considerar a questão do dano à natureza e às populações humanas, tanto nos aspectos culturais e de saúde quanto de suas relações com a natureza.

São muitos os interesses e os atores envolvidos em dita atividade. Assim, buscamos compreender esta, como um fenômeno complexo que permita a continuidade do debate a respeito da importância de se considerar outros aspectos nas atividades extrativas em prol do verdadeiro desenvolvimento do homem, não somente ligado ao aspecto econômico.

1.1 Relação humano-natureza

O modo dominante de agir do ser humano na atualidade, desenvolvido em uma realidade cada vez mais “artificial”, na qual o afastamento e a posição como ser dominador sobre as outras espécies do planeta e sobre as outras expressões da vida, tem resultado na separação ser humano-natureza em vários aspectos.

A natureza diferencia-se, segundo o pensamento aristotélico (BOURG, 1997), do “artificial”, pela não decorrência de uma intervenção humana, pode-se dizer, o que tem relação com a necessidade própria do ser para ter características de vida que não precisa ser abastecido por artifícios (p. 24), “(...) são naturais as coisas que possuem em si mesmas e a título essencial um princípio de movimento e mudança” (Ibid, p. 70-71) isto é, que “nasce e cresce de si mesmo” (Ibid, p. 69) entendendo assim, o que é feito ou fabricado pelo homem contrário ao natural e onde começa a técnica.

Nesse sentido, a técnica permite um outro tipo de relação com o mundo, onde este é manipulado segundo interesses, entretanto, ao invés de dominá-lo inteiramente como é pretendido, somente consegue ser manuseado, trazendo mudanças muitas vezes não previstas e que alteram não somente questões naturais, mas também situações e contextos já estabelecidos pelo homem, onde existem diferentes formas de viver (SANTOS, 2011).

Woortmann e Woortmann (1997), em pesquisa realizada no Estado de Sergipe (Brasil), estudaram o trabalho na terra por alguns camponeses e assinalaram que o processo de “culturalização” da natureza – para os camponeses - começa quando há uma apropriação simbólica do mato, isto é, quando é pensada para as culturas (p. 45). Dá-se assim, um processo de intervenção sobre o natural pela mão do homem.

A intervenção no ambiente, neste sentido, poderia ser pensada como o processo de trabalho, mas em grupos camponeses como os estudados por Woortmann e Woortmann, este processo de trabalho implica mais do que a intervenção sobre a natureza:

O processo de trabalho dá-se pela articulação de forças produtivas com relações sociais de produção. A noção de forças produtivas, tal como é utilizada pela sociologia, significa o conjunto de fatores de produção: recursos disponíveis, homens e instrumentos de trabalho. Os elementos desse conjunto se combinam de maneira específica em cada sociedade específica, ou em cada momento histórico de uma sociedade, para produzir o que ela necessita. Contudo, nem os recursos nem os instrumentos e os homens existem socialmente sem a cultura. É o saber que permite usá-los e é a cultura que lhes dá significado, inclusive para mais além da materialidade ou da instrumentalidade prática do trabalho. (WOORTMANN; WOORTMANN, 1976, p. 10)

Os autores mostram que esse processo de trabalho é resultado, e reproduzidor de crenças, conhecimentos, tradições e relações sociais e ecológicas, num contexto específico que tem uma historicidade e que para pessoas desse lugar tem dado resultados certos quanto ao modo de viver e de se relacionar, tanto entre si e com o entorno.

No entanto, o processo de globalização está fazendo com que a imposição do sistema econômico atual gere outras relações. Essa relação inclui desde a forma de adquirir conhecimento, na qual a natureza é um elemento a ser explorado através de atividades de pesquisa; a forma de habitar, onde tudo pode ter como função a comodidade do homem. Assim também, a alimentação, de maneira que, sem importar como o alimento seja obtido ou produzido, deve servir aos gostos do ser humano. E, em geral o uso e abuso dos “recursos” do planeta, com a escusa de dirigir o avanço do homem, embora implique na extinção das outras formas de vida de maneira acelerada (BRANDÃO, 1994).

Esta relação, com características como as relatadas, é baseada na preocupação do “ter” manifestado pelo interesse de consumo e acumulação, e está esquecendo-se do “ser”, e de sua ligação e dependência com as demais expressões da vida (CARVALHO, 2002). Dá-se assim prioridade a esse tipo de visão, deixando de lado outros aspectos quanto à convivência e outras formas de conhecimento da vida.

Agir e pensar sobre a vida não foi, nem é, igual em todos os lugares do mundo, existindo em cada momento da história e em cada lugar determinado, uma forma de ter acesso aos recursos necessários para o desenvolvimento da vida, tendo assim uma relação diferente onde o ser humano

faz parte dela, e não é o “dono” nem tem o direito de decidir a vontade sobre ela, como mostrado por Von Hildebrand (1983), quando apresentou a cosmovisão dos Ufainas, uma tribo indígena no Amazonas; assim também Diegues (2000), que relata diversas formas de exploração do ambiente em diferentes comunidades quilombolas, indígenas e camponeses no Brasil.

Nesse sentido, o uso indiscriminado do ambiente, sem levar em conta os moradores tradicionais, condiciona e determina novas formas de agir das pessoas com as outras pessoas e com o entorno, gerando repercussões pessoais, grupais e ecológicas. Nesta ordem, Diegues (2000) relata vários casos a respeito da declaração de parques nacionais no mundo e as consequências sobre os moradores tradicionais.

A modificação dos espaços, de atividades econômicas e enfim, a mudança das opções de desenvolvimento da vida de um grupo, na busca de geração de divisas, traz muitas questões estruturais, onde grupos moradores desses espaços ficam expostos a realidades materiais que afetam seus modos de viver. Essas determinações estruturais vão ocasionar ainda novas formas de agir, sentir e de se reproduzir, mas como aponta Minayo (2000) referindo-se a Boltanski:

Os determinismos sociais não informam jamais o corpo de maneira imediata, através de uma ação que se exerceria diretamente sobre a ordem biológica sem a mediação do cultural que os retraduz e os transforma em regras, em obrigações, em proibições, em repulsas ou desejos, em gostos e aversões. (MINAYO, 2000, p. 14).

De tal modo, a cultura vincula o ser humano e dirige sua inclusão e habitação no mundo. O cultural não funciona de maneira estática, onde os homens agem segundo estruturas maiores que os determinam, mas, como coloca em debate Geertz (2003), o ser humano em cada lugar e tempo possui regras que o influenciam, que o fazem agir e sentir como humano.

O fato da não existência de homens não modificados pelos costumes dos determinados lugares onde habitam, complementado com a ideia de que a humanidade é variada na sua essência e nas suas expressões (GEERTZ, 2003, p. 44-45), permitem pensar em homens que sempre vão ter condições específicas e diferenciadas dos demais, mas que ao mesmo tempo contam com capacidades universais que fazem dele “Homem”. Ele possui capacidades diferenciadas de outros seres, como são a capacidade e necessidade da comunicação e a expressão ou o uso de ferramentas para sua localização. É um construtor de cultura na medida que a cultura faz dele um homem.

Levando-se em conta que:

La cultura se comprende mejor no como complejos de esquemas concretos de conducta — costumbres, usanzas, tradiciones, conjuntos de hábitos—, como ha ocurrido en general hasta ahora, sino como una serie de mecanismos de control —planes, recetas, fórmulas, reglas, instrucciones (lo que los ingenieros de computación llaman “programas”)— que gobiernan la conducta. (...) y que el hombre es precisamente el animal que más depende de esos mecanismos de control extragenéticos, que están fuera de su piel, de esos programas culturales para ordenar su conducta. (GEERTZ, 2003, p. 51)

Faz considerar que o pensamento é um mecanismo social e público, pois é nos espaços comuns com outros humanos onde existem os símbolos e atividades com significados que dão

orientação e sentido ao agir e sentir. *“El hombre necesita tanto de esas fuentes simbólicas de iluminación para orientarse en el mundo, porque la clase de fuentes no simbólicas que están constitucionalmente insertas en su cuerpo proyectan una luz muy difusa.”* (Ibid, p. 52).

Ao construir instrumentos para caça e cultivo; ao desenvolver formas de expressão como arte, linguagem e dança; ao se organizar em famílias, estão sendo manifestados comportamentos que são guiados por regras, planos e fórmulas. Estes são programas extrínsecos que permitem dar sentido às coisas, que permitem ter orientação no mundo social. Com o seu desenvolvimento, o humano altera constantemente seu entorno, gerando assim um processo dialético no qual se adapta num ambiente e o transforma, mas ao mesmo tempo se transforma e se adapta às condições existentes (por ele criadas), tendo assim sempre um produto em construção e inacabado.

Como referido por Laraia (2008), a cultura é dinâmica, isto é, está mudando o tempo todo. Pode mudar, basicamente por dois motivos: primeiramente por mudanças internas, ou seja, no interior do grupo, sem a presença de outros grupos que influenciem. Isto vem de situações como mudanças em tecnologias e formas de se compreender (o grupo) que vai trazendo outras formas de se relacionar, pois é precisamente pela cultura que se age de maneira diferenciada aos outros seres, que agem guiados por fatores biológicos de sobrevivência. E é assim, que ao agir dentro de uma expressão da cultura, o ser humano modifica-a constantemente, pois não age simplesmente satisfazendo necessidades, mas as satisfaz procurando um jeito e mudando esse jeito (p. 96).

O segundo motivo, dá-se por razões externas, quer dizer, por influência de outras formas de desenvolver a cultura, que é uma questão comum, pois para isto não acontecer seria preciso que um grupo vivesse totalmente isolado. O contato com outros pensamentos e formas de agir trazem para um grupo essa mistura e, assim, mudanças marcantes.

Finalmente, como vem sendo tratado aqui nesta pesquisa, o ser humano sempre está mudando, sempre tem relações diferenciais com seu entorno mediadas pela cultura e as expressões desta num lugar determinado. É nessa direção o que acontece com as expressões do sistema econômico e social dominante, o qual traz mudanças radicais ao adentrar-se em comunidades e grupos e as suas formas de vida, que não têm assimilado completamente essa visão, estruturando e determinando-as (BREILH, 2010a, p. 89).

Questões como as deslocamentos humanos massivos, danos ambientais em larga escala, problemas sociais como violência e prostituição (GUDYNAS, 2014, p. 87-89), se dão por meio das grandes ocupações com interesses capitalistas em comunidades locais. E se tornam mudanças que podem gerar consequências ainda mais profundas do que as mencionadas, como a extinção de outras formas de entendimento entre humano e natureza.

Esta imposição, que molda as atividades de sobrevivência do grupo, faz passar, como apresenta Santos (2011), “de uma ordem vital a uma ordem racional”, trazendo formas diferentes para a sobrevivência, como a entrada maior do mercado e, fazendo com *que* “as necessidades de comércio entre coletividades introduziam nexos novos e também novos desejos e necessidades, e a organização da sociedade e do espaço tinha de se fazer segundo parâmetros estranhos às necessidades íntimas ao grupo.” (SANTOS, 2011, p. 44).

Assim, as mudanças num lugar, baseado no argumento de progresso, deve levar em conta o que é importante no grupo para a reprodução e continuidade do mesmo, pois nem sempre existem os mesmos interesses e necessidades.

1.2 O “Habitus”: “estrutura estruturada e estruturante”

O entendimento do ser humano como ser que é desenvolvido e criado no seio da sociedade, sendo produto dela, mas também, criador da mesma na medida que dentro das suas características “culturais” específicas, interage com o mundo e estabelece relações, interpretações e compreensões que podem se transmitir e reproduzir socialmente, permite olhar para a realidade de maneira ampla.

Neste olhar, o ser humano e os lugares por ele habitados são abordados como processos históricos e acumulativos (quanto a transmissão biológica-cultural), que não permitem apreender essa realidade como fenômeno previsível, mas sempre dinâmico, gerado e gerador de novas formas de viver.

Nesse sentido, existe uma categoria trazida por Bourdieu (1989, 2007) nomeada de “habitus”, que é interpretada por Setton (2002) como um conceito capaz de conciliar a oposição entre a realidade exterior e as realidades individuais. Para essa autora:

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002, p. 63)

O próprio Bourdieu apresentou a seguinte definição:

Los condicionamientos asociados a una clase particular de condiciones de existencia producen habitus, sistemas de disposiciones duraderas y transferibles, estructuras estructuradas predispuestas a funcionar como estructuras estructurantes, es decir, como principios generadores y organizadores de prácticas y de representaciones que pueden ser objetivamente adaptadas a su meta sin suponer el propósito consciente de ciertos fines ni el dominio expreso de las operaciones necesarias para alcanzarlos, objetivamente "reguladas" y "regulares" sin ser para nada el producto de la obediencia a determinadas reglas, y, por todo ello, colectivamente orquestadas sin ser el producto de la acción organizadora de un director de orquesta. (2007, p. 86)

Para esse autor, o “habitus” é histórico, quer dizer, está intrincado no ser, mas também está mudando constantemente, armazena em cada pessoa condições que fazem sentir, interpretar e agir dentro de um grupo de maneiras específicas (LAHIRE, 2013). Segundo condições específicas, este “habitus” se desenvolve nas pessoas e assim estas desenvolvem sua cultura (sendo conscientes de algumas coisas e inconscientes de outras), mas ao mesmo tempo a pessoa tem a possibilidade de decidir, isto é, ter uma livre eleição, embora seja sempre nas opções que tem incorporadas segundo as condições materiais e simbólicas onde ela se desenvolveu, gerando práticas individuais e coletivas. É a presença ativa de experiências passadas, que estão registradas em cada organismo na forma de esquemas de percepção, de pensamentos e de ação (BOURDIEU, 2007, p. 88).

As pessoas ao terem um “habitus” coletivo, segundo condições de classe social, desenvolvem identidade e, precisamente, por se desenvolverem em condições específicas vão interagir e compreender essa interação com as demais pessoas e com o seu entorno.

Nesse sentido, Bourdieu (2006) reflete sobre a situação de mudar e trazer outro sistema econômico e social para um grupo de pessoas que cresceu e se desenvolveu num determinado entorno rural. Como a imposição de um sistema como é o capitalista, traz novas opções para viver, mas traz também, outra forma de conceber e compreender o relacionamento com o mundo com um imperativo não menos importante, como é o fato das pessoas terem crescido na roça com um modo de viver “precapitalista”, comunitário, que encontra mudanças radicais com o capitalismo e que traz câmbios materiais e simbólicos impactantes.

La discordancia entre los habitus y las estructuras de la economía es aquí tan grande como se puede imaginar. Puesto que no se transforman al mismo ritmo que las estructuras económicas, en la sociedad y a veces incluso en el interior de los propios individuos coexisten disposiciones e ideologías que corresponden a estructuras diferentes (BOURDIEU, 2006, p. 30).

Assim, ao não se conhecerem as relações dos “atores”, com a presença de “ações coletivas” impostas por agentes externos que não coincidem com o sistema de vida grupal, pode gerar desordens.

A incerteza instala-se na medida em que a acção colectiva é fruto de decisões de actores cujas necessidades e interesses não são idênticos e porque se age num campo de relações onde se desconhecem, em larga medida, os impactos de acções e o campo de relações (e de lógicas) dos outros actores. (GUERRA, 1993, p. 62)

Ainda o mesmo Bourdieu afirma o seguinte para mostrar como uma visão capitalista afeta diretamente a uma precapitalista:

[...] los productos de la agricultura, la crianza y el artesanado familiar permiten satisfacer al menos una parte de las necesidades sin necesidad de recurrir al mercado. Por el contrario, en el mundo urbano la universalización de los intercambios monetarios, correlativa a la desaparición de los recursos, convierte la obtención de un ingreso en dinero en una necesidad absoluta y universal. (2006, p. 72)

Essa situação, na entrada de uma ordem capitalista na qual se impõe o uso da terra para a produção em grande escala, ou a imposição do trabalho como um valor de câmbio, deixa as outras formas de organização social diante de um cenário no qual não se pode dar continuidade ao que é sabido, se conhece e é interpretado pelo grupo, deixando-o diante uma posição diferente de sobrevivência, ao ser afastado de seus modos de viver e interpretar a vida.

1.3 Representações sociais

Desde uma interpretação materialista dialética a realidade pode ser entendida:

[...] como uma totalidade onde tanto os fatores visíveis como as representações sociais integram e configuram um modo de vida condicionado pelo modo de produção específico. Nessa abordagem sublinha-se a base material como determinante da produção da consciência, mas assume-se a importância das representações sociais como condicionantes tanto na reprodução da consciência como na construção da realidade mais ampla. (MINAYO, 2000, p. 34)

Para a compreensão de um fenômeno social, deve se destacar, então, a análise dos significados, pois é por meio deles que as realidades sociais são construídas. Nesse sentido, comportamentos, gestos, hábitos, símbolos religiosos e normas de convivência, expressões (e linguagens) e formas de vestir, ao serem desenvolvidos dentro da cultura, são símbolos ou elementos simbólicos que têm significado, pois são “formulaciones tangibles de ideas, abstracciones de la experiencia fijadas en formas perceptibles, representaciones concretas de ideas, de actitudes, de juicios, de anhelos o de creencias” (GEERTZ, 2003, p. 90).

São os símbolos instrumentos de integração social, estes funcionam como elementos de conhecimento e comunicação e dão sentido ao mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 1989, p. 13).

Assim, um indivíduo que age numa sociedade e interpreta sua realidade através de símbolos, está agindo como membro de um grupo que, embora tenha um “habitus” individual, também conta com um “habitus de classe” entendido por Bourdieu como um sistema subjetivo, mas não individual de estruturas interiorizadas (2007, p. 98), das que muitas são inconscientes e que regulam o sentir, interpretar e agir dentro de um grupo.

A pessoa dentro do seu cotidiano está envolta em elementos simbólicos com suas significações, os quais, podem ser interpretados para a compreensão das relações num grupo. Aqui é importante levar em conta o que Minayo destaca lembrando o Lukács:

[...] nas consciências individuais se expressa a consciência coletiva (de classe) e (...) o fato de que o fundamento científico de conceito de ‘visão do mundo’ apreendido através do indivíduo, é a integração desse pensamento individual no conjunto da vida social, notadamente pela análise da função histórica das classes sociais. (MINAYO, 2000, p. 170)

O indivíduo reflete características do grupo, espaço e tempo no qual ele está inserido, sendo assim reprodução e reproduzidor dessa visão do mundo, mas sempre trazendo outras características para o grupo, pois os indivíduos nunca têm exatamente as mesmas interpretações das influências e ambientes.

As ideias, imagens e concepções que as pessoas possuem sobre a realidade são chamadas então de representações sociais. Estas, “são derivadas do fenômeno de associação dos homens” e manifestas em condutas que têm a linguagem como mediação privilegiada, pois é na linguagem que se expressa e se sustenta a necessidade de comunicação e interação do homem como ser social (PINHEIRA FILHO, 2004, p.145; LURIA, 1979).

As representações sociais não são necessariamente conscientes. Perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz e se modifica a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos. (...) nelas estão presentes elementos tanto de dominação como de resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo.

Ainda que algumas formas de pensar a sociedade sejam abrangentes como um cimento que mantém as suas estruturas de dominação, cada grupo social faz da visão abrangente uma representação particular, de acordo com a sua posição no conjunto da sociedade. Essa representação é portadora também dos interesses específicos desses grupos ou classes sociais e de seu próprio dinamismo. (MINAYO, 2000, p. 174-175)

Nesse sentido, as representações continuam sendo manifestações de estruturas ideológicas dominantes, mas, de acordo com particularidades locais vão ter resistências, continuidades e distorções, para continuarem na reprodução social de um grupo.

No relacionamento que os humanos fazem com eles mesmos e com o seu entorno mediam também as representações, “Torna(do)-se, assim, necessário analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois é com base nelas que eles agem sobre o meio ambiente.” (DIEGUES, 2000, p. 63)

1.4 Modos de vida

Existe na atualidade uma compreensão do rural como atrasado e simples, e do urbano como pujante e avançado, onde o rural funciona como sustento das cidades, porém, essa visão é questionada precisamente pelo antropocentrismo e pela noção de progresso como aceleração e crescimento econômico (BREILH, 2010a, p. 94).

Esse entendimento está relacionado com a transmissão e reprodução social ligada a uma episteme que é mantida como a “verdade” em cada grupo social. Essa episteme, faz portanto parte da cultura, pois nela está o que pode ser pensado, conhecido ou dito num momento determinado (BREILH, 2003, p. 99)

Segundo Foucault, citado pelo mesmo Breilh (2003), a episteme é um conjunto de regras gerais e pressupostos epistêmicos inconscientes que regem o discurso geral da cultura em cada período histórico. Assim, se os modos de vida são a práxis da cultura, e existem vários modos de vida nas sociedades, pois estes são formados em grupos e em épocas específicos, existe também uma contradição e pugna entre estes modos de vida, pois nem sempre tem os mesmos interesses.

Nesse sentido, existem modos de vida que são dominantes, pois são desenvolvidos no meio de características dominantes como a classe social, etnia e gênero, o que torna esses modos de vida de maneira diferenciada, portanto, acesso diferenciado ao poder (Ibid, p. 97).

Assim sendo, nessa pugna das epistemes, é a da classe dominante que consegue se impor sobre as outras através do poder, representado por instituições que funcionam como “instâncias socializadoras” (SETTON, 2002), sejam escolas, famílias, instituições governamentais, ou mídia, as quais agem como promotoras e impulsoras de ideologias e que, ao chegarem em lugares específicos com o seus interesses disfarçados na “verdade”, condicionam e limitam um lugar com seus habitantes, gerando modificações através dessa episteme e modela os modos de vida que são a práxis.

O dito, é importante para compreender como pode ser o rol de outro elemento que participa na modificação e geração de modos de vida, dito isso, é apresentado como são compreendidos aqui os modos de vida.

As diversas acepções, desde alguns campos de estudo como a ecologia política e a saúde coletiva, sob os modos de vida apresentadas por Polo (2016), permitem um panorama geral de como tem sido empregada esta categoria, onde as explicações e relações da, e com a realidade estão ligadas segundo os entendimentos desenvolvidos desde cada teoria. Porém, alguns elementos principais presentes nessas abordagens tem relação com as expressões e práticas de um grupo com características similares no que se refere à expressão dos modos de vida como no dia-a-dia; relações nesse cotidiano com pessoas e entornos; presença de processos históricos de determinação (em alguns casos) ou processos de resposta e construção emanados desde dentro de comunidades (em outros casos), mas revelando também outras visões, uma compreensão dialética na formação e mudança dos modos de vida.

Levando em conta a reflexão anterior, os modos de vida são desenvolvidos na dimensão particular¹, quer dizer, dentro de grupos (BREILH, 2013).

1.4.1 Modos de vida e determinação social da saúde

Falar de saúde/doença não implica somente falar dos aspectos biológicos, implica também os diversos aspectos que podem transformar e influir. Se discute aqui então, a saúde como parte da realidade social, a qual não depende de fatores patógenos e riscos somente, e sim dos movimentos e contradições que se dão numa dimensão maior, a qual é essa realidade social.

Se refere então, a uma determinação social da vida, levando em conta não simplesmente a saúde humana, mas a reprodução da vida na natureza (BREILH, 2010b), pois o ser humano não é desligado da vida, sendo que *“El gran movimiento de la vida forma una unidad dinámica, la vida sobre el planeta se desarrolla bajo la determinación de un gran movimiento metabólico”* (Ibid p.95), do qual o humano faz parte ao necessitar dos “recursos” fornecidos pela natureza, que segundo seja a interação, produção e reprodução do humano, é possível produzir e reproduzir as condições determinantes para a vida (e a saúde).

Nesse sentido, os “3 S” para a vida propostos por Breilh (2010b, 2013) fazem sentido, quando alicerçam modos de vida focados na preservação e continuidade da saúde e a vida. Estes são:

(I) *“Sustentabilidad”*: sendo diferente, segundo o autor, da *“sostenibilidad”*, sendo que o segundo tem relação com a manutenção do sistema econômico, enquanto o primeiro está baseado nos seguintes princípios:

[...] primero y fundamentalmente la soberanía (como requisito de autárquica de la vida), así como la solidaridad en la reproducción social (equidad social, cultural, política, generacional y ambiental); la integralidad (como opuesto a lo simplemente sectorial o focalizado, y como algo que busca la concatenación entre todas las dimensiones del desarrollo); lo intercultural (como ruptura respecto a las visiones unilaterales y eurocéntricas que discriminan y empobrecen); el balance entre pasado-presente-futuro (no sólo en el sentido de la garantía y satisfacción de necesidades de las generaciones futuras sino de avanzar hacia la reconstrucción del propio sistema de necesidades); y finalmente, la adaptación del desarrollo a las condiciones espaciales y del medio (2010b, p. 97).

¹ Desde a perspectiva da determinação social da saúde trabalhada por Breilh, existe uma dimensão geral (sociedade), uma particular (grupo) e uma individual (indivíduo). A particular permite dar conta da vida grupal nos modos de vida.

(II) “Solidaridad”:

Una ‘sociedad solidaria’ es aquella donde la estructura económica productiva se organiza alrededor de la preeminencia la vida y del bien común; donde la distribución ofrece a todos el acceso de una cuota que hace posible el buen vivir; donde se constituye un consumo consciente y colectivamente concertado, basado en una construcción consciente y equitativa de la necesidad, sin derroche, ni desperdicio y [...] sin desproporcionar los recursos presentes y futuros; donde todos los pueblos pueden realizar a plenitud su identidad y las potencialidades de su cultura; donde la conducción de la vida colectiva ofrece a todos la posibilidad de incidir sobre el Estado y el movimiento social; donde todos disfrutan del bien protector de la organización social; y donde todos trabajan juntos por construir razonable y equitativamente un sistema de derechos y responsabilidades frente a la protección de la madre tierra (2010b, p. 97).

O terceiro princípio é o de ser (III) “Saludable”. Para esta são imprescindíveis as duas anteriores, pois para uma sociedade saudável é preciso contar:

[...] con la posibilidad real de modos de vida que consoliden y perfeccionen, en los diferentes espacios socio culturales, la preeminencia de procesos protectores y soportes, colectivos, familiares e individuales, que posibiliten el predominio de formas fisiológicas y psíquicas que sustenten una buena calidad de vida biológica y psíquica, posibilitando una mayor longevidad, capacidad de asimilación de noxas, potencialidad para la plena actividad física en todas las edades, disfrute del placer y la espiritualidad (2010b, p. 98).

Essas condições propostas por Breilh, dão conta de assuntos que ao não serem e levadas em conta na vida das pessoas, têm influência no processo saúde/doença de maneira negativa.

Segundo Almeida-Filho (2004), ao analisar diversas formas de abordagem da determinação social da saúde, que a seu modo de ver são incompletas, mas todas têm elementos para se complementar, propõe uma “epidemiologia dos modos de viver”, onde modos de vida, que são as condições cotidianas de vida, fazem parte junto com “restrições ambientais, as redes de poder político e as bases de desenvolvimento econômico e as heranças históricas”, do contexto de condições estruturantes no macro contexto, que podem determinar individualmente o processo saúde-doença, pois são “condicionantes referidos ao macrocontexto que atuam como elemento de modulação da cultura e como limitadoras da liberdade de ação individual” (ALMEIDA-FILHO, 2004, p. 874).

O mesmo autor, lembrando Marx, apresenta o conceito de modo de vida relacionado com “condições naturais de existência” e “modo objetivo de existência”, os quais são apresentados para explicitar o humano ligado a um lugar, incluindo as relações dele com o todo, objetiva e subjetivamente, onde já estão predispostas as condições para a reprodução social e que implica tanto questões materiais como simbólicas:

Essas condições naturais de existência, com as quais ele [o produtor] se relaciona mesmo como com um corpo inorgânico, têm caráter duplo: elas são (i) subjetivas e (ii) objetivas. O produtor existe como membro de uma família, de uma tribo, um agrupamento de sua gente, etc. – o que adquire historicamente formas diversas resultantes da mistura e conflitos com outros.

A atitude em relação à terra (...) significa que o homem mostra-se, desde o princípio, como algo mais que a abstração do “indivíduo que trabalha”, tendo um modo objetivo de existência (...) que antecede sua atividade e não surge como simples consequência dela, sendo tanto uma pré-condição de sua atividade, como é sua própria pele, como são os seus órgãos sensoriais (...). A mediação imediata desta atitude é a existência do indivíduo – mais ou menos naturalmente evoluída, mais ou menos historicamente desenvolvida e modificada – como membro de uma comunidade... (ALMEIDA-FILHO, 2004, p. 876).

Nesse sentido os modos de vida, embora sejam muito amplos, permitem a exploração da realidade de grupos, onde interagem tanto questões materiais quanto simbólicas; tanto estruturantes quanto criadoras; e que são reproduzidos socialmente em grupos que têm classe social específica.

2 Objetivos e Metas

2.1 Geral

Compreender o processo de modificação dos modos de vida através das mudanças culturais, ambientais e sociais acontecidas no distrito de São Jose da Ilha, município de Dom Joaquim (Minas Gerais, Brasil), quanto as relações das pessoas com o ambiente e das suas relações sociais, após a chegada da atividade minerária na região.

2.2 Específicos

- **Descrever** os modos de vida na micro área de São José da Ilha e **verificar** as mudanças sócio ambientais no entorno trazidas pela atividade mineraria e os efeitos na relação entre as pessoas e das pessoas com o entorno.
- **Descrever** e **interpretar** o processo de modificação dos modos de vida na comunidade após a implantação da atividade mineraria

3 Justificativa e relevância

A relevância deste trabalho está dada pela importância de pesquisa no Brasil e na América Latina em temas relacionados com os “impactos das transformações ambientais na saúde da população”, disposto na agenda de prioridades de pesquisa em saúde (BRASIL, 2008, p. 59). É levado em conta aqui, que o processo saúde-doença depende de aspectos sociais, ambientais, políticos e, emocionais e físicos no individual, pois estes aspectos podem condicionar e transformar a vida das pessoas de um grupo, incluída sua saúde.

O presente trabalho acadêmico situa-se na linha de pesquisa em educação, cultura e saúde. Destacamos o estabelecido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), na consagração de direitos e deveres da nação e dos cidadãos, em seu artigo 6º, na qual declara entre os direitos sociais, a saúde, alimentação, moradia, trabalho e lazer. Justifica-se face a presença de atividades de mineração que podem mudar e/ou gerar condições diferentes às estabelecidas.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de evidências sobre o impacto da mineração nas comunidades da região. A UFVJM presente no norte, nordeste e noroeste de Minas Gerais visa o desenvolvimento sustentável regional. A universidade conta com o programa de pós-graduação *Stricto sensu*, mestrado profissional interdisciplinar em Saúde, Sociedade e Ambiente (SaSA), que participa na formação de pesquisadores com visão interdisciplinar, visão essencial para a compreensão, no caso desta pesquisa sobre impacto sócio ambiental pela atividade minerária, que apresenta diversos atores com também diversos interesses.

4 Materiais e métodos

4.1 Delineamento

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com observação participante. Pesquisa compreendida como:

[...] atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 2007, p. 16)

E qualitativa com observação participante no sentido que a mesma autora, Minayo (2000), trazendo um parágrafo de Schwartz e Schwartz, define como:

[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (MINAYO, 2000, p. 135).

A observação participante se mostra com uma estratégia que permite abarcar elementos do dia-a-dia para compreender o funcionamento de um grupo, pois são elementos e situações que possuem significados para dito grupo. Outras técnicas de pesquisa qualitativa podem não ser suficientes para ter uma recriação dos aspectos cotidianos das pessoas com o seu entorno, e que, precisamente pelo convívio do pesquisador com o grupo e seu contexto, é possível a construção de um conhecimento que vai além do senso comum. Neste sentido, a subjetividade constitui parte do método de trabalho (BRANDÃO, 2007).

Fernandes e Moreira (2013) afirmam que:

Atualmente, pensa-se ser possível afirmar de forma sintética que a observação participante se caracteriza pela promoção de interatividade entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto no qual eles vivem. A pesquisa dita qualitativa – e dentre todas as suas técnicas, em particular, a observação participante – obriga o pesquisador a lidar com o “outro”, num verdadeiro exercício constante de respeito à alteridade. Pressupõe convívio e intercâmbio de experiências primordialmente através dos sentidos humanos: olhar, falar, sentir, vivenciar, experimentar. (p. 518)

Na busca de levar uma boa observação participante, os autores estabelecem a importância do uso de um roteiro de campo com as diretrizes e questões que permitam o cumprimento dos objetivos da pesquisa; diário de campo; informante(s) chave(s), como pessoa que pode facilitar a obtenção de dados dada sua inserção no meio onde é feita a observação; e, finalmente, gravador e câmera como recursos auxiliares que permitem a captação de dados audiovisuais (Ibid., p. 519).

Assim, no trabalho de campo, é importante ter clareza sobre o pretendido pelo pesquisador, pois este não quer formar parte da comunidade, pois sua ideia é observar e compreender, mas, também não é só observar, pois no convívio, o pesquisador participa do cotidiano das pessoas, e, muitas vezes serve para ter maior proximidade com as pessoas, o que permite melhores conversas e honestidade para a obtenção de informações. Porém, o pesquisador não deixa de ser uma pessoa de fora, que quer compreender o grupo –nunca para trazer prejuízos (BRANDÃO, 2007).

4.2 Local

Dom Joaquim é um município que segundo o Censo 2010, tinha nesse ano 4.535 pessoas, mas com uma população estimada de 4.609 no ano 2016; seu território é de 398.822 km², sendo a sua densidade demográfica no ano 2010 de 11,37 habitantes por km² (IBGE, 2016).

O nome atual do município só foi dado após a emancipação e declaração como tal no ano de 1938, quando seus povoadores motivados pelas condições de infraestrutura, mercado e serviços, encontraram condições de autonomia para se tornar município (FIDÉLIS, 2001).

O povoado foi nomeado no seu início como Arraial de São Domingos, em homenagem ao santo de devoção de um dos seus primeiros habitantes, o Senhor Domingos Barbosa de Carvalho, português que morava na cidade de Serro e chegou por volta do ano 1750 no lugar, que fazia parte da rota de comércio entre municípios da região como Ouro Preto, Mariana, Sabará, Rio de Janeiro e Diamantina (PREFEITURA DOM JOAQUIM, 2016).

Era um lugar conhecido pelas riquezas hídricas e de recursos naturais abundantes, seus dois principais rios o Rio do Peixe e o Ribeirão Folheta contavam com grande quantidade de peixes além da presença de ouro e diamantes. Assim o senhor Domingos Barbosa se estabeleceu no lugar trazendo escravos para o trabalho.

Já em 1818 pela dificuldade de ter acesso água, os moradores se mudaram para a margem esquerda do Rio Folheta onde atualmente fica Dom Joaquim. Assim as pessoas que iam chegando foram construindo seus ranchos. Já em 1870 se tornou distrito de Conceição do Serro (atual Conceição do Mato Dentro), com o nome de São Domingos do Rio Peixe (PREFEITURA DOM JOAQUIM, 2016; IBGE, 2016).

Em 1938 foi declarada como cidade com o nome de Dom Joaquim em homenagem ao arcebispo de Diamantina, Dom Joaquim Silvério de Souza (FIDÉLIS, 2001, p. 33).

O município conta, na atualidade, com o povoado de São José da Ilha, conhecido pelos moradores como a “Ilha”, o qual é um aglomerado de 68 casas, localizado a 10 quilômetros da sede do município. O terreno onde está localizada a “Ilha” foi doado por João dos Santos Lages, quem mandou a construir a igreja de São José em torno de 1930. Posteriormente foi se constituindo o povoado. O nome de “Ilha”, segundo contam os moradores mais velhos, é porque na época da sua fundação, este lugar era cercado pelas águas do rio Folheta, o qual foi desviado depois para a construção da estrada.

Este povoado, junto com os arredores, constitui a micro área de São José da Ilha, habitada por 457 pessoas. Esta pesquisa foi desenvolvida nesta micro área.

4.3 Participantes e fontes de informação

As fontes primárias de informação foram as pessoas que moram no local. Assim também, o pesquisador permaneceu no lugar da pesquisa com a intenção de fazer observações e registros de situações que não podem ser captadas nas entrevistas.

Como fontes secundárias foram utilizadas as fichas A do Sistema Único de Saúde (SUS) da Estratégia de Saúde da Família, com anuência da Secretaria Municipal de Saúde; documentos e livros com relatos da história do lugar; e, o sitio eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para coleta de dados relacionados às atividades agrícolas do município nos anos disponíveis, de 2004 até 2015.

É importante destacar que na atualidade as fichas de cadastramento estão sendo atualizadas, ou seja, por enquanto os dados da maioria das pessoas e famílias ainda estão no formato de ficha de cadastramento antigo, modelo A. Contudo, a Agente Comunitária de Saúde (ACS), possui alguns dados atualizados que nas fichas estão desatualizados. Nesse sentido, os registros da ACS serviram para complementação de dados.

4.3.1 Critérios de inclusão

- Residência na comunidade anterior a instalação da mineradora na região.
- Homens e mulheres com idade superior a 18 anos.

4.3.2 Critérios de exclusão

- Pessoas da comunidade que se recusaram a participar.
- Residentes chegados na região após o início da atividade minerária.

4.4 Material

Para a coleta de informações foi utilizado diário de campo para o registro escrito das observações do pesquisador; câmara fotográfica digital Canon® EOS Rebel XT, para registro de imagens; e gravador de voz digital Sony® ICD-PX240 para as entrevistas. Foi utilizado um computador portátil para análises das entrevistas e para a redação dos relatórios de atividades, assim como para a caracterização visual e textual da comunidade.

4.5 Procedimentos

O pesquisador esteve na comunidade durante quatro semanas, de 8 de julho de 2016 até o dia 5 de agosto do mesmo ano, com o objetivo de captar mudanças provocadas pela atividade minerária no que refere aos aspectos culturais, sociais e ambientais. Em uma segunda visita o

pesquisador ficou mais uma semana com o objetivo de estar de novo em contato com a comunidade e tentar aprofundar no conhecimento dos aspectos mencionados, do dia 18 de novembro de 2016 até o dia 25 do mesmo mês.

Durante esses períodos foram registradas notas de campo no caderno de uso do pesquisador, e imagens do entorno da comunidade, das pessoas e suas moradias, quando estes concordavam. Estes registros possibilitaram a obtenção de outras percepções e dados que nem sempre podem ser registradas nas entrevistas (LOIZOS, 2000).

As observações e registros de imagens foram realizadas na medida que o pesquisador foi conhecendo as pessoas que quiseram conversar e falar sobre o assunto e mostraram situações referentes às características culturais da própria comunidade. Este processo de observação foi levado a cabo seguindo os tópicos de interesse, isto é, a relação dos modos de vida e a presença da empresa da mineradora na região: o território; os sítios; as atividades, as falas e os interesses das pessoas do local. Nesse sentido, o roteiro das entrevistas serviu tanto para as entrevistas quanto roteiro para observação dos aspectos de interesse da pesquisa.

O roteiro teve as seguintes questões: o que você faz no seu dia-a-dia? - O que você faz de trabalho? Mudou com a chegada da mineração? - Que uso você faz da terra? Mudou com a chegada da mineração? - Como sua família obtém a alimentação, a água e as roupas? E as outras despesas da casa? - O que você acha importante para o desenvolvimento da comunidade e das pessoas daqui? - Como você entende a atividade mineraria? - A mineração traz coisas boas ou coisas ruins? Como era sua vida antes da chegada da mineração, como é agora? - Quais atividade a mineradora desenvolve na comunidade em questões sociais, ambientais e de saúde? - Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Foram realizadas 10 entrevistas abertas seguindo o roteiro (pois buscou-se conhecer os aspectos relacionados com os modos de vida e a inferência da mineradora). Destas, 2 foram com casais, 1 com pai e filho e, as 7 restantes foram individuais. Foi seguido o critério de saturação levando em conta o que propõe Deslandes (2007) a respeito da pesquisa qualitativa:

[O] fato que o 'universo' em questão não são os sujeitos em si, mas as suas representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes... seria impossível demarcar o número total destas variáveis, muito menos o tamanho da amostra que seria representativa desta totalidade. Diante disto, se opta por definir o número de sujeitos por inclusão progressiva (sem demarcar a priori o número de participantes) que é interrompida pelo critério de saturação. (DESLANDES, 2007, p. 48)

As informações secundárias do IBGE e fichas A da ESF foram utilizadas para caracterização da comunidade em alguns aspectos demográficos, assim como para complementação de informações sobre a região.

A entrada na comunidade aconteceu juntamente com a ACS responsável pela micro área, de maneira que o pesquisador pôde conversar com as pessoas da comunidade identificando aquelas que cumpriam com os critérios de inclusão e exclusão para a realização das entrevistas. Antes das entrevistas foi lido e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada pessoa que decidiu participar.

4.6 Análise de dados

As entrevistas foram analisadas utilizando-se o método de análise de conteúdo, proposta por Minayo (2000). Essa “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. [...] qualitativamente a presença de temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso” (p. 208-211). Basicamente são três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira consistiu em fazer leitura do “conjunto das comunicações obtidas, isto é, ter contato exaustivo no caso desta pesquisa, com as gravações das entrevistas, as notas de campo e as imagens registradas; organização do material, com a ideia de cumprir critérios de validade: exaustividade (que contempla os aspectos levantados no roteiro), representatividade (represente a comunidade), homogeneidade (obtenção da informação pelos meios adequados e das pessoas principais), pertinência (coerência com os objetivos da pesquisa); e, formulação de hipóteses e objetivos. Aqui se contrastaram objetivos iniciais com os dados obtidos, já que a pesquisa deve ser flexível, pois no transcurso podem surgir hipóteses.

A segunda etapa (exploração do material), consistiu na codificação, nesta etapa se tiveram recortes de textos em unidades de registro (palavras, frases, ou acontecimentos). Posteriormente foi realizada a classificação segundo categorias teóricas ou empíricas, essas últimas surgidas durante o trabalho de campo.

Finalmente, a interpretação dos significados das unidades das fala e registros obtidos.

Esta pesquisa teve a cultura, o ambiente e a sociedade como aspectos interligados e convergentes aos modos de vida – estando este na dimensão grupal do processo saúde-doença, portanto, foram o eixo transversal ao objeto da pesquisa.

Os dados coletados nas notas de campo e as imagens registradas serviram para conhecimento da situação da comunidade in loco, assim como apoio e elementos relacionais para documentação dos achados. Para consolidação dos dados, foi empregado o aplicativo de informática NVivo® 9 (QSR® International), o qual funciona como ferramenta para a gestão e análise de dados qualitativos, organizando imagens, sons, textos e transcrições, além de dados secundários obtidos na comunidade e na sede do município. O uso do aplicativo, pelo grande volume de dados coletados durante o trabalho de campo (entrevistas, as imagens e notas) permitiu a visualização, classificação e assim, análise de maneira ordenada dos dados, pois permitiu armazenar nos tópicos ou categorias criadas pelo pesquisador, nomeados de nós no aplicativo as partes que foram de interesse segundo os objetivos da pesquisa. Assim também, permitiu relacionar e ter informes e consultas tanto gráficas como textuais dos dados, o que auxilia para localizar informações que, manualmente, podem não ser visíveis prontamente.

Finalmente, foram realizadas consultas aos bancos de dados do IBGE no tema da produção agrícola do município dos anos 2004 até 2015 para complementação de informações. As informações das fichas A da ESF foram tabuladas utilizando o aplicativo de informática Excel (Microsoft Office®) e analisadas no aplicativo SPSS® Statistics versão 19, o que possibilitou a exploração dos dados para a posterior confecção de tabelas e gráficos sobre o aspecto de saúde.

5 Considerações éticas

A pesquisa tem como benefício maior a visibilidade do processo de mudança que a mineração trouxe para a comunidade quanto aos aspectos sociais, culturais e ambientais e a sua relação com a saúde, podendo-se utilizar o conhecimento gerado para o planejamento de ações e programas visando o bem-estar da população local.

Segundo a resolução no. 466 (BRASIL, 2012), do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sempre existem riscos que, no caso desta pesquisa, poderia ocorrer nas dimensões social, cultural ou espiritual, pois conhecer e desvendar alguns aspectos do modo de vida da comunidade, há contato com as suas crenças, tradições e cotidianidade, podendo trazer constrangimentos para as pessoas advindos da observação. Para atenuar possíveis riscos, as atividades do pesquisador na comunidade respeitaram os momentos e rotinas dos moradores em seu próprio lugar.

Outros riscos que poderiam ter ocorrido no momento das entrevistas, foram o constrangimento em responder algumas perguntas, o tema conversado ou o lugar onde estivesse sendo realizada. Para evitar isto, os participantes decidiram em não responder à(s) pergunta(s) ou pedir o fim da entrevista; os participantes puderam decidir qual o lugar mais conveniente para a entrevista.

Além disso, poderia acontecer quebra do sigilo de informações pessoais, obtidas nas entrevistas, as quais são informações privadas e poderiam ser usados com outros fins diferentes aos objetivos da pesquisa. A fim de evitar isto, há comprometimento ético dos pesquisadores em manter o anonimato, além, depois da obtenção das informações nas entrevistas e realizadas as suas análises, estas serão apagadas, não permitindo assim a identificação do participante.

O projeto foi apresentado e esclarecido a todas as pessoas que tiveram interesse e foi formalizado o TCLE daquelas que aceitaram participar das entrevistas. Ficou comprometido com a comunidade a devolução dos resultados e conclusões, para conhecerem o que foi realizado.

O desfecho principal é um relatório completo, e um relatório sintético com informação construída com as pessoas da comunidade e os pesquisadores, com o propósito de apresentação para instituições governamentais, acadêmicas e privadas, visando à consolidação de políticas e programas inclusivos, além da continuidade do debate acadêmico sobre os aspectos culturais, sociais, ambientais e sua relação com a saúde em áreas de mineração.

6 Resultados

A ligação das pessoas com o seu território e com o trabalho rural, pode ser mostrado através da descrição dos seus modos de vida. Nesse sentido, uma análise destes perante a inferência da mineradora pode mostrar elementos e processos que devem ser levados em conta. O texto a seguir é apresentado como um relato de alguns aspectos dos modos de vida da comunidade quanto as atividades de trabalho na região, as relações entre as pessoas, as atividades de lazer, o uso do ambiente como recurso para atendimento de necessidades; a presença da mineradora; a saúde da comunidade; e, finalmente, a influência da mineradora sobre os modos de vida para explicitação, do processo de modificação dos modos de vida.

Na primeira parte dos resultados, há alguns escritos ou pequenas crônicas de autoria do pesquisador, escritas durante o trabalho de campo, as quais descrevem situações vivenciadas, mas que dão conta de situações cotidianas no lugar.

6.1 Os modos de vida

Na micro área de São Jose da Ilha, quanto ao espaço-território, é de destaque seu uso e exploração para diversas atividades, tanto geradoras de renda, quanto sustentadoras de necessidades básicas das famílias. Trata-se de um lugar no qual seus habitantes não simplesmente ocupam, mas habitam, fazendo uso para a sobrevivência do que têm disponível, sendo o ambiente no seu entorno recurso direto ou recurso mediador para atendimento das necessidades.

Desde a chegada na “Ilha”², vila localizada no limite do município de Dom Joaquim (do qual é parte) com o município de Conceição do Mato Dentro, e, no trecho de 10 quilômetros que a separam da sede do município (do qual parte desse trecho pertence à micro área de São José da Ilha), é possível visualizar os usos do território. Extensas glebas de terra são ocupadas, sobretudo por gado bovino, mas também com equinos e muare; plantações de eucalipto, casas, fazendas e sítios com diversas plantações domésticas que compõem a paisagem.

Assim também, ao longo desse território, é notada a presença do duto encarregado de levar a água para uso da mineradora. Esta água é bombeada do Rio do Peixe, na cidade de Dom Joaquim, por meio de uma adutora instalada pela empresa mineradora no Bairro Lopez. Esse duto é visível em algumas partes e em outras não, mas é visível a marca deixada após a sua instalação ao longo do território por onde passa.

A Ilha é um pequeno aglomerado de 68 casas³ distribuídas lado e lado ao longo da rua João dos Santos Lages. Trata-se de uma vila familiar, pois embora cada casa conte com uma família, os

² Ao longo do texto a expressão “Ilha” será empregada para nomear o aglomerado urbano, pois as pessoas da região conhecem o lugar por esse nome, enquanto “micro área de São José da Ilha” será utilizado para se referir ao território mais amplo do qual a “Ilha” faz parte, mas inclui o território geral, conhecido assim administrativamente, para referenciar a esta parte do município de Dom Joaquim (MG, Brasil).

³ Informação fornecida pela Secretária Municipal de Saúde de Dom Joaquim, cadastro de famílias na ESF, 2016.

próprios moradores descrevem que no povoado quase todos são da mesma família, pois desde o estabelecimento deste, foi ocupado por pessoas com laços de sangue e até hoje é assim.

A igreja situada num morro, revela uma comunidade de tradição católica, representando a importância que tem dentro do local, pois ocupa o ponto mais alto. A Ilha conta com duas novas igrejas evangélicas que têm tido acolhida por parte de alguns moradores, sendo sua presença respeitada pelas pessoas. Indiferentemente da igreja da qual as pessoas participam, Deus está sempre presente nas conversas, atividades e expectativas.

Ao lado da igreja encontra-se o campo de futebol, o qual representa o lugar de felicidade partilhada, tanto dos que jogam quanto dos que assistem, pois é a Ilha um território com passado e presente glorioso neste esporte.

6.1.1.1 Cotidiano

E apareceu o bicho de pé⁴

Sentados na sombra, na parte posterior da casa; uma casa na roça, onde os cachorros, frangos, galinhas, perus, cavalos são quase família; nas horas da tarde conversando de Pablo Escobar, -pois o que conhecem da Colômbia é esse cara, mas só por causa do seriado “Narcos”, da corrupção no Brasil e depois falando de tudo e de nada, ele me diz assinalando os seus pés: “Nossa Senhora! Já tirei catorze bichos de pé nesta semana. Já deu bicho de pé em você?” - O que é isso? “É um bichinho que entra no seu pé, pela parte da unha” - É sério, vocês têm isso aqui? “Têm ué!”

Na madrugada, enquanto dormia senti o dedão do pé doendo um pouco. Aí lembrei, “será que é o bicho de pé?” O dedão estava com um pequeno inchaço e avermelhado. Preocupado aguardei até o dia seguinte. Nas horas do café de manhã, perguntei para uma amiga lá em casa, ela olhou e falou: “É isso mesmo” - E então, o que eu faço? - “Calma menino, eu tiro procê” Pegou agulha e álcool etílico, e mexeu nele até que conseguiu tirar. Nesse dia fiquei sabendo que existia um bicho de pé que dá por caminhar na roça.

O dia-a-dia das pessoas transcorre no que é feito quanto atividade para sobrevivência e para entretenimento, na troca e relacionamento com as pessoas e o entorno.

6.1.1.1 Atividades de trabalho

O trabalho na roça consiste no desenvolvimento de atividades que nunca acaba; “sempre tem alguma coisa para fazer”.

⁴ Crônica de autoria do pesquisador.



Figura 1 - Foto de pai e filho, lavradores de seu sítio na micro área de São José da Ilha, Dom Joaquim, MG, 2016.

A elevada⁵ aqui é por aí umas 5 horas, 6 horas. Aí eu vou cuidar dos porcos, das vacas, tirar o leite... levar vaca pra fazer uma coisa, fazer um serviço..., buscar uma lenha ou vai cortar capim para tritar pra tratar da vaca, ou bater um pasto que a nossa área aqui, roça ela avisa. Tem uma plantação de braquiária, mas tem uma, outro ramo, deu uma erva, a gente vai e corta ela, só deixa braquiária. Igual que esta área aqui. Igual àquela área ali em cima, lá tudo é braquiária, nós vamos daqui até lá. (E-JPM)

O trabalho rural implica na manutenção do sítio segundo as condições necessárias para a continuidade do mesmo, isto é, um lugar construído pelos habitantes, no qual fazem escolhas e tentam controlar o que pode estar e o que não, mas levando em conta o que é importante para o sustento. Assim, nas atividades relacionadas com a criação de gado, o trabalho consiste na escolha do que é adequado para o gado consumir e sobreviver.

O fato de viver numa natureza domesticada não afasta os outros animais que fazem parte do redor, é o caso das cobras que os moradores encontram normalmente e que segundo uma moradora, um dia um cavalo amanheceu morto e foi por causa de uma cobra que eles já tinham visto no seu território.

Lidar com outros animais como as capivaras, que afetam alguns cultivos, é outra situação que acontece com os sítiantes na sua convivência nesse espaço partilhado entre natureza domesticada e silvestre:

Nós prantávamos nessa vaju aqui oh! Mas capivara não deixa ele ir na frente. Come tudo... que o canavial, que ele era essa baixada aqui para baixo, que invade aquele mato até ali. A capivara é tão coitada que ela

⁵ Expressão do sítiante para explicitar a hora em que levanta para começar seu trabalho.

colheu, ela que pesteou o canavial, teve que mudar. Largar aqui para prantar lá e lá não perca. (E-JPM)



Figura 2 - Foto de moita de capim e gado comendo o que os sitiantes dispõem para os animais, 2016.

O movimento começa desde as primeiras horas de luz do dia com o cuidado dos animais, pois são fornecedores de matéria prima para elaboração de outros produtos que implicam na transformação destes e, em consequência no trabalho da pessoa. O cuidado, por exemplo das vacas, possibilita a obtenção de leite, que é consumido dentro de casa pelas famílias e é usado para produção de queijo e mozzarella (são diferenciados, sendo que o primeiro é o queijo mineiro) e doce de leite. Mas também, esse leite é vendido tanto para alguns vizinhos como para empresas de produtos lácteos que compram de vários produtores rurais da região.

Então, muito do que produz a terra utilizada pelo sitiante é destinado aos animais. “*Tratar da criação*” não é simplesmente fornecer as “*rações*”; tem outros cuidados, os quais são executados em geral, na parte da manhã e da tarde.

[...] tava cuidando o gado e tratando as vacas né! Banhando. Vaca tava cheia de carrapato e aí tava separando as vacas que comem ração... (E-JS)

Para quem trabalha com criação de gado e “*pranta roça*”, existe uma separação no sítio dos lugares para cada atividade. Quer dizer, há zoneamento entre os lugares destinados para o gado se alimentar, o pomar e a horta, por exemplo.

Dessa forma, as atividades das pessoas durante o dia envolvem também o preparo da terra para cultivo dos alimentos que fazem parte da sua dieta. Quando é possível contar com máquinas, é feito dessa maneira, quando não, o trabalho é executado com ferramentas manuais:

Ali como é acidentado prepara braçal, mas quando é lugar grande igual este, ara com jerico⁶ ... Aqui, quando tá prantando aqui já ara com jerico... com máquina... com maquina ai ara e pranta também braçal..., mas quando tem os equipamentos de prantação, ai pranta com a máquina, mas quando não tem, só ara só, as vezes tem por exemplo a grade de arar, ai ara, depois com a enxada cava um buraco e põe a semente, põe a terra de campo e ai, tranquilo. (E-JPM)

O trabalho para quem lida na roça nunca acaba, cuidar da terra tem sempre outros propósitos. Dar sustento para o gado e dar sustento direto para o homem. Este, precisa do processo natural da terra para fornecer os produtos e, por tanto, requer tempo. Depois desse tempo, o trabalho continua, é tempo da colheita.

Colheita⁷

Nessa época, mês de julho, temporada de seca na região, o trabalho continua, o processo do trabalho na terra, em união com o trabalho do homem devem ser levados até a casa, é a colheita.

Saíram de casa por volta do meio dia. Ela, mais velha, com chinelos, vestido e pano na cabeça; ele, mais novo, com boné, shorts, blusa sem mangas e chinelos. Levavam um carrinho de mão empurrado por ele. Dentro do carrinho de mão, alguns elementos como peneira, pote de plástico e sacos. Caminharam até sumir no caminho da rua.

Voltaram antes de escurecer. O carrinho de mão com outras coisas além do que tinham quando saíram mais cedo. “Era feijão”, feijão que é um produto desta época.

“Fazer cerca, prantá, capiná”, fazer melhorias e consertar elementos deteriorados para manutenção do sítio, são atividades de todo dia.

⁶ Expressão do sítante para se referir ao uso de máquina para plantar

⁷ Crônica de autoria do pesquisador.



Figura 3 - Foto de terreiro: consertando alguma coisa de tantas no sítio, 2016.

A produção de cachaça na Ilha é um processo levado a cabo inteiramente. Os cultivos de cana são destinados para a alimentação do gado e, também, para a produção de cachaça artesanal. Após a obtenção do suco da cana no engenho, sua fermentação nas caixas com fubá de milho como isca, produz o mosto que, posteriormente, é levado para a destilação. Os sítios em geral fazem reuso do bagaço da cana como combustível para gerar o calor no processo de destilação.

Buscando qualidade, analisa-se a porcentagem de álcool depois da destilação, sendo posteriormente armazenada nos barris de madeira. Finalmente sua venda em bares de Dom Joaquim e municípios vizinhos como Conceição do Mato Dentro e Serro. Dá-se conta de que é uma atividade desenvolvida na região para sustento da própria região e que oferta temporariamente trabalho a outras pessoas que estão envolvidas no processo:

[...] eu tô dando trabalho para cortar cana, entendeu?! Porque tem um período aqui de um mês, dois meses... que tem trabalho, entendeu?! Cortar cana. Depois o serviço acaba porque aqui também não tem dinheiro. (E-ME)



Figura 4 - Fotos do processo de produção de cachaça, aguardente de cana de açúcar, 2016.

As quitandas são produtos alimentícios gerais do lugar. O visitante é atendido com café doce e biscoito de polvilho, rosquinhas, pão de queijo ou salgadinhos como coxinha de frango. Produtos como estes são produzidos principalmente pelas donas de casa, tanto para vender por encomenda, quanto para consumo das pessoas do lar. Sempre contam com estes alimentos para café de manhã ou para um café da tarde.

Na cozinha eu passo aqui o dia inteiro, faço linguiça, faço requeijão, faço mozzarella... eu faço para consumo e para entrega... têm que encomendar para mim poder, eu não faço nada sem encomenda. (E-ME)



Figura 5 - Foto de um lugar de “trabalho por encomenda”, 2016.

Com efeito, além das quitandas, são oferecidas refeições para atendimento de pessoas que trabalham na região com as “firmas”⁸. Os fornos artesanais, fogões de lenha são elementos tradicionais nos domicílios e peridomicílios das pessoas da micro área de São José da Ilha.

⁸ As pessoas na região falam de “firmas” como referência às empresas que oferecem diversos serviços, em que trabalham pessoas tanto da região quanto de fora, muitos prestando serviços terceirizados à mineradora instalada na região.



Figura 6 - Foto de cozinha externa com fogão de lenha na hora do almoço, 2016.



Figura 7 - Foto de forno a lenha tradicional, 2016.

A coleta de madeira e lenha acontece no próprio sítio ou fazenda, ou nos arredores. Para as pessoas da Ilha é uma atividade constante no seu dia-a-dia, sendo possível observar pessoas caminhando com feixes de lenha no carrinho de mão a caminho de casa no final do dia.

Outra atividade identificada, tem relação com as hortas. Estas são zoneadas para proteção contra entrada de animais domésticos e silvestres. As hortas complementam as despesas do lar e, no caso dos moradores da Ilha que não possuem terra para plantio e compram seus alimentos, ter uma horta no quintal é importante na alimentação da família. Esse é um dos motivos para apreciarem a sua horta.



Figura 8 - Fotos de hortas cercadas, 2016.

Na região e na micro área de São José da Ilha, os moradores, mesmo em famílias cujos homens têm empregos na mineradora e em firmas, isto é, famílias assalariadas, é comum ter hortas no entorno da moradia.

Todo dia, depois das 5 horas da tarde começam a voltar os ônibus da mineradora e das firmas que prestam o serviço de transporte, trazendo os trabalhadores de volta para as suas casas. Como motoristas, como vigias, transportadores de brita ou em trabalhos mais especializados, lidando com máquinas, são alguns dos trabalhos desempenhados.

É importante pontuar que anteriormente já existiam algumas firmas na região -não tantas como hoje, nem realizando as atividades que hoje realizam em função das atividades da mina- já que na atualidade há lavradores aposentados que já trabalharam nestas⁹:

[...] trabalhava na roça, trabalhava em firma. Aposentei pela empresa... Nessa firma de eucalipto, prantava eucalipto, essas coisas... Sementar floresta, trabalhei em muita firma. (E-C)

Outras atividades identificadas foram a construção, manutenção e pinturas das casas ou capina dos quintais. Em geral pessoas que contam com um trabalho e renda contratam outras pessoas que não têm emprego para realizar alguns trabalhos temporários.

6.1.1.2 Algumas diferenciações entre o trabalho das mulheres e dos homens

Nas caminhadas pela região, um aspecto visível quanto ao trabalho foi a presença dos homens nas atividades que requerem esforço físico. Como mencionado anteriormente, o trabalho na

⁹ Os registros disponíveis sobre silvicultura no sítio eletrônico do IBGE mostram que o município de Dom Joaquim, desde o ano 2004 até 2015, datas disponíveis para consulta, tem sido lugar de exploração de madeira e carvão do eucalipto.

terra para sua preparação para os cultivos ou para a criação de animais. Em seu trabalho como responsável pelos animais de criação, um sitiante relata suas atividades:

Tratando um porco, tratar das criação, serviços que... prender um bezerro, separar a vaca da manga... as vaca de leite; a criação solta para lá, agora eu passo umas para cá; já de tarde eu passo para lá. Igual corta o capim para tratar das vacas, trata de cedo e de tarde. (E- JP/M)

São os homens quem ficam fora de casa realizando um trabalho diferenciado daquele exercido pelas mulheres. Mesmo se não trabalham em atividades de roça, eles estão fora de casa no horário do trabalho. Em consequência, são as mulheres que têm a responsabilidade pela casa, mesmo possuem emprego formal, a casa fica como responsabilidade delas.

Como se diz né! A gente é dona de casa, assim, trabalho doméstico todo dia né! Cuidar dos filhos, serviço de casa normal todo dia. Trabalha mais em casa que fora na verdade. (E-M)

O trabalho de limpeza da casa é feito pelas mulheres, donas de casa ou moças mais novas e filhas que moram com a família. Cozinhar é trabalho realizado pela mulher, o que lhe dá a responsabilidade de escolher e pensar o que a família vai comer nas refeições. Em geral, são elas comumente que assumem o trabalho de cuidar diariamente da horta, após o preparo dos canteiros realizado pelos homens.



Figura 9 - Foto mostrando moradora preparando 'coxinhas de galinha', 2016.



Figura 10 - Foto mostrando moradora com produto da hora, 2016.

Na Ilha, nos períodos da tarde, é comum o passo de mulheres com baldes cheios de roupas, indo ao rio para lavar roupa e utensílios. Ali, usam pedras como apoio.

6.1.1.3 Atividades de lazer



Figura 11 - Foto do campo de futebol em horário de treino na Ilha, 2016.

Chegou a sexta-feira¹⁰

Chegou a tarde da sexta-feira! 16:00 horas. Tempo do treino; alguém vai buscar a bola na casa do Alex, e vão chegando no campo. Um toque de bola, uma piada, sorrisos; chega mais um e o time começa a ter forma; chega mais pessoal e o treinador do time entra no campo, traz as blusas e coletes para diferenciar os dois times. Chega o pessoal que trabalha nas firmas e o time está completo.

Os craques da Ilha em campo, fazendo canetas, bicicletas e gols de todo jeito, brincando e se divertindo ao som da peladinha. É só o treino, no domingo tem jogo em Dom Joaquim. O primeiro jogo do time na fase de grupos ficou 6 a 0 a favor da Ilha. No ano passado ganhou o torneio e este ano tem um torneio além em Conceição do Mato Dentro. Os craques da ilha!

O futebol é a diversão de todo dia, sexta-feira e sábado tem os treinos nas tardes, e os que não jogam, assistem. A televisão no bar está sempre conectada numa emissora que passa futebol. Os troféus são prova do gosto pelo futebol, mas não somente do gosto, mas da qualidade dos jogadores.

O dia do jogo¹¹

O jogo vai começar. O time se reúne no campo, e reza o pai nosso para a defesa ficar blindada e o ataque refinado; para que a mão de Deus esteja com eles nessa luta, que sendo um jogo é muita sério.

Nas tribunas fica a outra parte do time, a torcida: amigas e amigos, vizinhos que assistem o jogo acompanhando com a presença física.

¹⁰ Crônica de autoria do pesquisador.

¹¹ Crônica de autoria do pesquisador.



Figura 12 - Foto de troféus de futebol num bar da Ilha, 2016.

Na folga “*o que eu mais gosto é tocar a viola*”. Sair pela rua da Ilha e encontrar com vizinhos e só conversar, ir nas fazendas vizinhas para visitar outros amigos e levar o violão para cantar sertanejos porque “*isso é música, menino*”, faz parte do cotidiano do aposentado. (E-C)



Figura 13 - Foto de violeiro e cantador de música sertaneja para passar o tempo, 2016.

Assim, dentro das atividades de lazer, as festas têm um lugar importante, pois são comemoradas uma vez cada ano.

A comemoração em homenagem ao padroeiro da cidade de Dom Joaquim, São Domingos, embora seja uma festividade religiosa, significa muito mais do que isso. Dita festa é comemorada desde a última semana do mês de julho. Esta comemoração dura vários dias, durante os quais os festejos contam com missas e procissões, nos quais os moradores da Ilha não faltam, mesmo morando afastados da sede do município.

[...] em Dom Joaquim nessa festa religiosa e a gente tá indo... de São Domingos, rezando todo dia. São sete dias né! (E-JS)

O santo da devoção¹²

A imagem no alto e na frente, a de São Domingos. Atrás, a banda tocando os hinos da igreja que emocionam a multidão que brandindo bandeiras brancas segue a marcha devotamente.

Depois da missa, as festas continuam. A bandeira com a imagem do padroeiro foi levada para fora da igreja e içada para que pudesse assistir desde o alto as festas todas. Em seguida a guerra de bandas: a

¹² Crônica de autoria do pesquisador.

banda marcial, a outra, mais particular, composta por duas donas que dirigiam a dança, várias crianças e jovens (só moças) e dois homens, os quais tocavam o acordeão e a percussão. As duas donas levavam facão e o brandiam, as moças seguiam as donas e levavam pandeiros e chapéus com forma de cone, dos quais, desde as pontas penduravam fitas de muitas cores; elas ficavam dançando dando voltas. Assim foi por um tempo, a banda marcial tocava e a outra respondia. E o São Domingos desde acima assistindo o espetáculo todo.

A festa é religiosa, mas a comemoração envolve diversas atividades. No final de semana, na parte da manhã, a praça principal é ocupada por barracas com biscoitos, queijos e doces mineiros, além de brinquedos para crianças. A cidade recebe pessoas de fora para aproveitar as festas e, entre estas, os apaixonados pelas trilhas chegam com suas motos, pois a cidade serve como sede para esta atividade, da qual pessoas do município são também adeptas. Entre os moradores de São José da Ilha, este esporte é popular, contando também com a participação de alguns deles.

Na festa do padroeiro da cidade estão presentes as delícias das festas juninas: a canjica doce e quente; os tropeiros; caldos de costela e mandioca e de feijão; quentão... A venda dos produtos, que acontece na barraquinha de São Domingos, é administrada pela igreja. As pessoas ficam bebendo e conversando, entre famílias e amigos. Tudo isso enquanto esperam a noiva e o noivo e, demais casais para a quadrilha. Os shows de música encerram a noite da festa.

Na região é comum o gosto por cavalos e mulas. Na Ilha, algumas pessoas possuem estes animais. Todo dia tem alguém na rua cuidando deles, penteando, tirando carrapatos e dando rações; vão e voltam nas fazendas a cavalo ou mula. São eles mesmos que domam os cavalos mais novos. Os rodeios também fazem parte das festas na região.

O domador¹³

Confiante, mas com respeito pega só um de vez. Amarra com o laço, colocando-o no redor da cabeça, não sem antes lutar contra a rebeldia natural do animal que resiste a ser dominado. Devagar, pega o animal e solta; acaricia, puxa o laço e solta de novo. O animal dá um pulo e o domador recua. Vai de novo... quando consegue a confiança do animal, penteia, tira carrapatos, revisa as suas patas e, posteriormente, demonstrando a intenção de montá-lo, coloca a sela. Segurando o laço que colocou no redor da cabeça induz o animal a caminhar, dando voltas ao redor do domador e montando se é possível. Fará de novo até os dois terem confiança um no outro.

¹³ Crônica de autoria do pesquisador.



Figura 14 - Foto de uma pessoa domando e cuidando dos cavalos, 2016.

6.1.1.4 Recursos para alimentação

O uso da terra nos sítios e fazendas pretende antes de tudo a manutenção dos habitantes desse lugar.

[...] é consumo próprio, mas quando dá para vender, a gente vende também. Se sobrar a gente vende, (E- JPM)

“Mandioca, batata, amendoim, cacau, mexerica...”, “feijão, milho...”, são produtos que quem tem terra costuma plantar. A intenção é sempre satisfazer as despesas de casa e, se sobrar, então as pessoas partilham com algum vizinho ou vendem. Mas nem tudo pode ser obtido do trabalho no sítio. As vezes,

Precisa de comprar... Na época do milho, da espiga, deu muito sol, ele não sobressaiu, ele, minguou, ele não deu milho, aí nós precisamos comprar. Tem um ano a gente vai bem e outro já não dá, passando um ano para outro a gente compra. Normalmente dá e sobra. (E-JPM)

Isto acontece com os cultivos de vez em quando. Alguns produtos precisam ser comprados, pois são alimentos que fazem parte do consumo diário e não são produzidos pelos moradores:

[...] alguma coisa compro, eu por exemplo o arroz hoje em dia ninguém pranta arroz, a gente compra arroz. (E-JPM)

Assim, segundo comentam moradores, o óleo e a carne, são coisas que compram, pois eles não mexem com isso. Mas para quem tem terra, o pomar com diversas frutas como laranja, banana, ameixa, mexerica, entre outras, constitui um potencial da soberania e segurança alimentar.



Figura 15 - Foto de um pomar local cercado, 2016.

As hortas, tão comuns mesmo para as pessoas que não possuem terra, aproveitam o quintal, são uma forma para garantia da segurança alimentar – tanto em quantidade quanto frequência de alimentos frescos. Quem tem espaço no sítio, tem lagoa com peixes, os quais também são criados para consumo próprio da família.



Figura 16 - Foto de poço para peixes em um sítio, 2016.

As galinhas são muito valorizadas principalmente por dois motivos, segundo o relato de uma moradora:

[...] porque tanto a gente usa a galinha né! O frango para poder matar e consumir, como a gente usa o ovo né! É uma despesa a menos a gente usa a galinha. E o frango também sempre tem pra matar e comer. (E-M)

De fato, as galinhas são mantidas tanto nas fazendas e sítios, quanto nos peridomicílios na Ilha, para quem tem pouca terra.



Figura 17 - Fotos de terreiro com galinhas e galinheiro, criação para consumo próprio, 2016.

Na Ilha, a situação quanto a forma de acesso à alimentação é diversa. Pelo fato de ser um conglomerado de casas, isto é, de alguma forma um lugar com mais características urbanas que rurais, as famílias em que ninguém cultiva, o que não se produz na horta do peridomicílio é comprado.

Mais compra, hoje de mais compro... antes meu pai prantava muita roça: milho, feijão, já hoje tá mais velho, não mexe com isso mais. (E-S)

Normalmente... aqui a gente faz o que a gente pranta e não pranta, praticamente compra, né! Trabalha e vai no supermercado todo mês porque a gente consegue trabalho fora e não tem como, e não acha muito tempo de tá prantando roça e esse trem, né! Aqui a oportunidade de prantar tem sim, para prantar isso é correr atrás de um né... terreno de alguém. (E-M)

Uma possibilidade seria plantar por meio da meação, mas um dos motivos para não fazer isso é que as pessoas estão envolvidas em outro tipo de trabalho, nas firmas por exemplo, ou mesmo por problemas que não faltam com donos de terras, pois já aconteceu da pessoa cultivar em um terreno e o dono da terra pegar o milho sem ter madurado, desrespeitando a tradição do meeiro, que consiste em só fazer a colheita quando esta estiver pronta para ser dividida.

Mas isto está mudando. Alguns dos mais velhos, trazem uma parte das despesas produto do trabalho na roça, outros já pararam pelo fato de estarem velhos. Mas ao mesmo tempo, os mais novos e filhos desses mais velhos, não querem por sua vez mexer mais com trabalho na roça, ou preferem outro tipo de trabalho.

Crônica de uma visita¹⁴

Do mesmo jeito que os outros, os seus companheiros e irmãos, caminhava, ia para lá, voltava para cá procurando no chão.

Não percebeu a intenção da visita, se tivesse percebido, acredito que tivesse fugido.

-“Dona Neide! Vim para almoçar com a senhora...” -“Você já comeu frango com quiabo ao molho pardo?”... “Não, nunca comi ‘ao molho pardo’”...

Pegou um do grupo, um que podia ter sido qualquer um. Com o pé esquerdo pisou as patas, com o pé direito as asas; com a mão esquerda a cabeça e com a direita a faca. Alongou o pescoço, e como se o frango estivesse na barbearia, foram tiradas as penas do pescoço como quem faz a barba. Limpinho! Dona Neide, colocou um prato embaixo e cortou o pescoço... Uai!! O frango morreu sangrando, e não sem antes vaziar seus intestinos. Dona Neide tirou as penas com água quente, cortou o animal e virou comida. Tudo ia bem: frango com quiabo, quase pronto. Cadê o “molho pardo”? Dona Neide pegou o prato que tinha separado com o sangue e colocou no frango com quiabo.

¹⁴ Crônica de autoria do pesquisador.

Aí tem o frango com quiabo ao molho pardo: o melhor frango que já comi!

6.1.1.5 Alguns aspectos das relações entre as pessoas

...aqui todo mundo, quase todo mundo é família. (E-S)

“Esse ali é meu irmão”; “...ele é tio meu...”. A Ilha é um lugar no qual os moradores têm uma história e um presente de vínculo familiar. Quem ali habita atualmente, segundo contam dois moradores mais velhos, vieram para que seus filhos pudessem estudar

Na ilha quando vim para aqui, morava na roça... E quando menino entrava na escola, só tinha escola aqui, eu mudei para cá em 85, para o menino entrar na escola e aí vim para cá e fiquei por aqui mesmo, sabe! (E-J)

Uma moradora conta que sempre morou em São Jose da Ilha, mas na Ilha mesmo chegou há 35 anos e já existiam outras famílias morando. A respeito ela narra:

Meus pais nasceram e morreram aqui; eu tenho uma irmã que mora aqui. Mora aqui e mora em Belo Horizonte (vai e volta)... tem primos... tem irmão, sobrinhos. (E-Lu)

Entre esses moradores são quase todos familiares, irmãos com suas famílias, que foram chegando e a descendência até hoje habitam o território, como a moradora mesma diz, foi se misturando, mas geralmente é da família.

A vizinhança familiar¹⁵

Depois de um almoço com feijão, arroz, angu de milho, frango, ovo, tomate como salada e banana como sobremesa, conheci o pai do meu amigo.

Ele estava no quintal lavando uma vasilha. No quintal tinha um forno, feito por eles mesmos, onde fazem entre muitas coisas rosquinhas e biscoitos de polvilho e, a madeira no chão, que eles procuram fora de casa para o forno funcionar. Mas o quintal tinha também acesso a 3 casas. Conversamos um pouco e nessa conversa contou que essas casas vizinhas desde o quintal, foi ele que deu para seus filhos e as suas famílias o pedaço de terra onde foram construídas e que ele mesmo ajudou a construir.

As relações entre vizinhos são de amizade, colaboração e discussões como de uma grande família. Questões como por exemplo as vestimentas, são re-passadas para as demais pessoas para

¹⁵ Crônica de autoria do pesquisador.

que possam usar, quando em não servem mais, isto é, se uma criança já não usa e outra pode usar, então passa para aproveitar.

Tudo o que cê tem que usar e seu menino por exemplo, cê vai e pega e dá para o menino que cê vê que serve; o pessoal por exemplo de Belo Horizonte, mora fora, né! Eles têm mais fartura das coisas, eles vão e mandam, cá pra roça, né! (E-M)

Mesmo assim, às vezes, segundo eles reportam, falta união para procurar melhorias gerais para a comunidade.

Eu acho que... de certa forma assim, o pessoal aqui, eu acho que para ter progresso tem que ter união sabe! (E-M)

Isso tem a ver com questões como a associação que existe na Ilha, mas que só foi formada após da chegada da empresa mineradora e por iniciativa da mesma, para agrupar e dar apoio à comunidade com projetos de melhorias, segundo contam os moradores. Mas, embora as pessoas participem da associação em diversos interesses, por enquanto não funciona como deveria. Uma pessoa que até hoje não recebeu o pagamento pela cessão dos direitos para a mineradora passar o duto no seu território, relata o seguinte:

São conversado, mas fica só praticamente na conversa, não resolve. Igual eu precisava porque eu tinha vontade de receber isso aí. Eles falam que vai pagar, vai pagar, fica só que vai pagar, mas não resolve nada. (E-JPM)

A ideia que as pessoas na comunidade têm da associação não é boa, no entanto é por causa da falta de união entre eles mesmos para proposição e realização na associação:

Mas aqui demais menino, todos os projeto para melhorar o lugar, para crescer o lugar, foi criada a associação para poder tentar melhorar o lugar, mais aí o pessoal sabe! Cada um em seu próprio mundinho ali, então fica difícil, sabe por que!? Porque... aqui cada um pensa no seu próprio umbigo, o pessoal não pensa em comunidade. (E-M)

A associação é uma ferramenta para que as pessoas da micro área de São José da Ilha se relacionem em prol da “*melhoria*”, mas até agora não avançou muito.

As relações de vizinhança na região são também por meio de encontros que as pessoas fazem em momentos religiosos (batizado, casamento, funeral, entre outros), em visitas a vizinhos que estão passando mal ou para ajudar quando precisam de mais pessoas para arrumação qualquer no sítio ou fazenda.

[...] para rezar a gente vai... reza novena nas casas dos vizinhos. (E-JS)

[...] quando eu não estou mexendo aqui, quando alguma pessoa tem para fazer um serviço para outro faz. A gente ajuda os vizinhos para fazer um serviço para os vizinhos, ajuda no outro lá, coisas assim. (E-JSM)

Na Ilha, as pessoas têm uma relação de conversa o tempo todo, pois são muitos os moradores que partilham um espaço pequeno; as conversas na rua ou na visita numa casa e outra são atividades constantes.

Ademais, o sistema de meação estabelece uma forma de relação específica entre as pessoas da região, sendo uma forma de poder ter acesso à terra para cultivar, para as pessoas que não têm um espaço para isto:

[...] tipo assim: cê é um patrão, cê tem um terreno; aí eu vou lá, encomendo com você, cê ara a terra; já a gente chega e combina e aí a gente pranta. Aí a pessoa dá o milho, dá o adubo, a gente pranta. Aí no final da colheita, parte no meio. (E-S)

Esse sistema contém uma relação na qual existe um dono da terra, e outro que coloca o trabalho. O combinado não consiste em uma situação de empregador e empregado, pois é uma parceria na qual cada um contribui com algo. Assim, quando é época de colheita, esta é dividida pela metade para cada um - o dono da terra e o cultivador.

6.1.1.6 Tecnologias tradicionais

Sendo a região um lugar de tradicional trabalho rural, muitas famílias dão sustento as suas despesas por meio do trabalho direto da terra, utilizando-se de diversas ferramentas, máquinas, elementos e jeitos de fazer, produzir e dar soluções às atividades específicas.

Os engenhos, construídos afastados do domicílio, são usados para processar, moer a cana de açúcar e assim fazer a cachaça, mas também o melado e a rapadura, embora cada processo seja diferente do outro, cada um cumpre seu objetivo quanto à produção.



Figura 18 - Foto de engenho de cana de açúcar, 2016.



Figura 19 - Foto de trapiche, tacho de cobre em um engenho para produção de rapadura, 2016.

Os fornos e fogões de lenha sobre os quais já foi relatado, são outros elementos que, construídos pelos sitiantes, fazem parte desses elementos e tecnologias tradicionais. Podem estar dentro do domicílio, assim como em áreas cobertas, no peridomicílio, onde também são armazenados

lenha e outros materiais domésticos, assim como ferramentas.

Nas trilhas, a caminho para os sítios e fazendas, muitas vezes um rio divide a terra. Assim, as pinguelas são as pontes para aqueles que têm que cruzar um curso d'água todo dia, por exemplo, as crianças, para irem na escola e, para pessoas que vão a pé até a Ilha para atendimento médico na unidade de saúde.



Figura 20 - Fotos cruzando o rio em pinguelas, 2016.

O aquecedor de água doméstico permite ter acesso à água quente usando o fogão de lenha, o qual, como foi registrado, constitui um recurso que sempre têm em casas para os fogões e que são coletados nos terrenos ao redor da comunidade.

O carro de boi é um desses elementos que ainda é possível encontrar na região, sendo que são parte dessas atividades a história rural tradicional, que ainda existe em algumas fazendas.



Figura 21 - Foto de carro de boi em um barracão de sítio, 2016.

6.2 Presença da mineradora

O município de Dom Joaquim, e portanto a micro área de São José da Ilha, não é na atualidade território de extração do minério de ferro, uma vez que este processo é realizado no município vizinho de Conceição de Mato Dentro, onde é minério é extraído.

Contudo, Dom Joaquim faz parte da denominada Área de Influência Direta (AID) do empreendimento da Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração S.A., sendo esta área composta pelos municípios e seus territórios onde o empreendimento tem presença (DIVERSUS, 2011, p. 10).

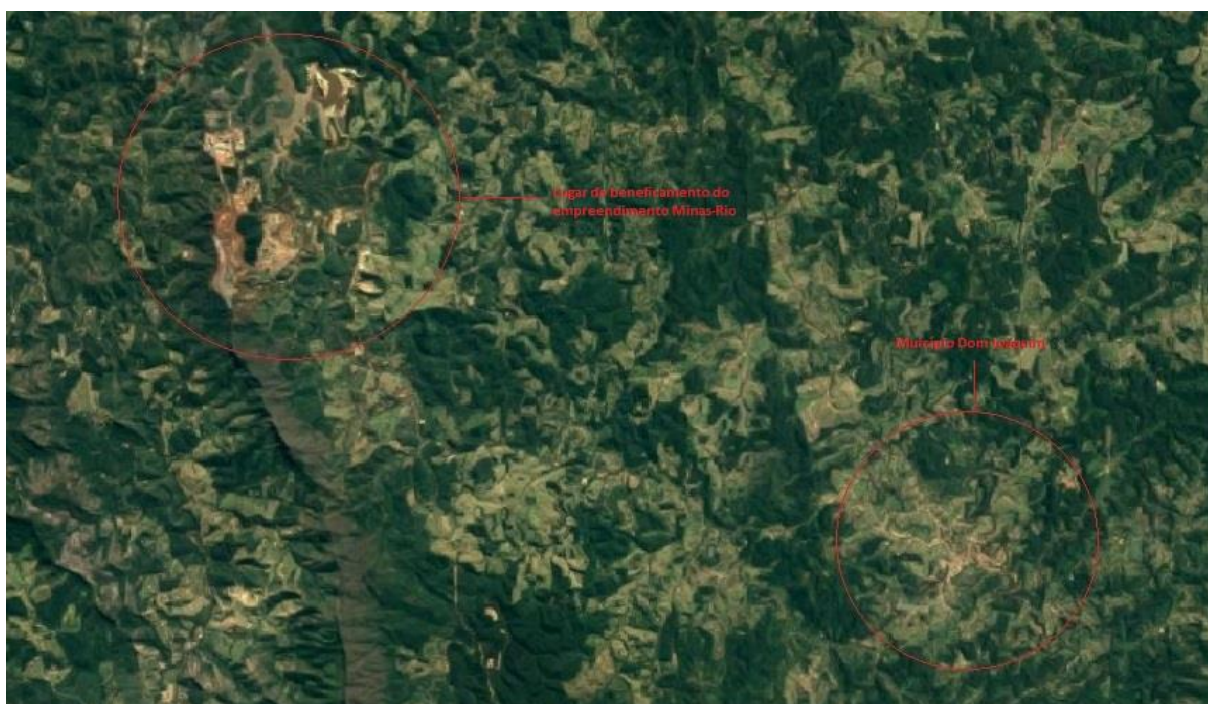


Figura 22 - Local de extração do minério de ferro do empreendimento Minas-Rio e Dom Joaquim. Fonte Google Earth. Imagem de novembro de 2016.

Assim, a empresa dedicada a extração de minério do ferro mantém, diretamente, a sua presença no município, fazendo uso da água do Rio do Peixe, levada até a planta de beneficiamento através de um duto de 32 km, começando seu trajeto no bairro Lopes. Ali, a mineradora construiu uma estação na qual, segundo o relatório do grupo Cidade e Alteridade (2015, p.146) que cita o parecer único do Sisema do ano 2008, seriam captados 250 m³/h de água.



Figura 23 - Adutora de água do Empreendimento Minas-Rio no município de Dom Joaquim, MG. Fonte Google Earth. Imagem de novembro de 2016.

6.2.1 Chegada da mineradora a São José da Ilha

Segundo contam os moradores, quando a mineradora chegou na região, os funcionários da empresa foram falando, sobretudo, de melhorias econômicas relacionadas tanto com a renda das pessoas quanto dos recursos para o município e a região. Iria ter emprego para as pessoas do município e ressarcimento pelo uso dos recursos. A empresa iria repor com investimentos para a comunidade.

Quando questionados os moradores pelo período de chegada da empresa no município, não responderam uma data exata. Falam de 6 ou 7 anos atrás. Contudo, a concessão da licença para a construção da adutora foi em dezembro de 2010 pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (SEMAD) (ANGLO AMERICAN, 2010-2011).

Foi entorno desse período que a empresa começou a realizar suas atividades no território do município de Dom Joaquim.

Nesse sentido, um sitiante que trabalhou algum tempo para a Anglo comenta:

Antes dela começar, veio falar aqui, ia mexer com minério, falou totalmente que ia dar emprego. Depois dela estava mexendo com atividade aí, apareceu um pessoal da região falando que ia ter emprego, que ia pegar algo assim o minério, mas não explicaram direto. Deram emprego, mas é temporário e não é pra todo mundo não. (E-JPM)

A empresa já vinha comprando pedaços de terra de alguns sitiantes e fazendeiros, da micro área de São José da Ilha, principalmente para a passagem do duto, No entanto até o momento, de

acordo com alguns moradores, vários terrenos não haviam sido pagos, e alguns casos estavam em processo jurídico:

[...] ela só falou que ia passar a tubulação que ia pagar, prometeu de pagar, mas não pagou ninguém. Nós combinamos um preço com eles, mas só que não pagou não... tá na justiça até hoje, mas tá lá enrolado, tem advogado. (E-JPM)

[O duto no sitio] não trouxe nada para nós, não trouxe benefício nenhum e até hoje não recebi nem um centavo não (E-ME)

Na Ilha, as pessoas comentam que ocorreram algumas reuniões, que a empresa realizou quando chegou, nas quais explicaram o que se pretendia fazer.

Nas conversas com as pessoas, sempre foram expressas as questões sobre investimentos no município e na comunidade e, os benefícios pelos empregos. Isto, como ressarcimento pelo fato da empresa usar os recursos naturais do seu território. Neste sentido, percebe-se uma aprovação da chegada da mineradora pelos benefícios imediatos, e pouco conhecimento sobre as consequências tanto no curto quanto no longo prazo, o que deixou a população em situação de vulnerabilidade, pois para eles a empresa somente ia trazer benefícios.

Eles falavam muito em valores né! igual por exemplo, falaram assim por exemplo: se a gente por exemplo tirar tanta quantidade de minério, a gente tá obrigado a ressarcir tanto por exemplo em dinheiro para a comunidade sabe! (E-M)

Porém, há algumas situações que com o avanço do processo de instalação da empresa na região, demonstra não ser como os moradores acreditavam.

6.2.2 Época do auge de trabalho

A entrada da mineradora na vida das pessoas representou “oportunidades”, quanto à possibilidade de ter trabalho remunerado, uma vez que as pessoas mais novas e adultos jovens no lugar, estão à procura de um tipo de trabalho diferente do trabalho na roça. Nas conversas com adultos jovens na Ilha, é comum o fato deles já terem morado em Belo Horizonte (capital) ou em municípios maiores que Dom Joaquim, fazendo terem serviço ou procurando algum emprego.

Dessa forma, com a chegada a Dom Joaquim do empreendimento minerário e suas necessidades de intervenção no território para materializar o projeto, chegaram também muitas “firmas”, as quais trabalharam e trabalham (algumas ainda estão na região) para suprir essas necessidades. Para isso houve grande contratação de pessoas, tanto de fora quanto da própria região:

[...] para mim foi coisa boa porque empregou meus meninos todos. Os meninos estavam empregados. Agora que tá acabando com isso tudo... isso

aí ela trouxe também... Emprego pra todo mundo menino, todo mundo empregou, todo mundo trabalhou. Foi embora, acabou tudo... (E-C).

Um casal comenta que na atualidade tem uma filha trabalhando na Anglo e que outro filho trabalhou em algumas firmas:

Mulher: esse menino que trabalha aqui, trabalhou, sabe!... carregando pessoal ai nessas firmas ai - Homem: terceirizado o trabalho... ele presta serviço pra mineradora. Entrou pra ser motorista – Mulher: e vigilante, trabalhou de vigilante de noite - Homem: trabalhou de vigilante, motorista... (E-JS)

Com a quantidade de pessoas que chegaram de fora, e também aquelas da região que começaram a trabalhar, houve grande ativação da economia local, que “*todo mundo aproveitou*”. Assim, muitas casas, tanto na sede do município como na Ilha, foram alugadas, e outras convertidas em pousadas; foram abertos bares e estabelecimentos para venda de refeições. Uma moradora da micro área de São José da Ilha relata que “*todo dia fazia mexido*”, pois o pessoal das firmas gostava muito. Um atendente de um bar na Ilha comentou que constantemente tinha churrascos no povoado, o que ativava as vendas de comidas, lanches e bebidas alcoólicas.

Nossa senhora! Aqui tava doido de gente, casa toda alugada, tinha tanto de gente, mas gente mesmo. Foi tudo embora, acabou tudo. (E-C)

[...] olha esse menino que tá aqui [Lanchonete onde foi feita a entrevista], tá aqui porque apareceu a Anglo. Não tinha outra coisa, ele comprou esse lote, fez esse negócio aí e tá funcionando. (E-J)

Segundo descrevem as pessoas, foi uma época na qual os preços das coisas aumentaram demais, por exemplo, os alugueis de casas e terrenos. Com o dinheiro que as pessoas receberam, aproveitaram para fazer melhorias nas casas e tiveram acesso a outros tipos de bens materiais.

Até na melhora do lugar cê vê que foi bom, porque mudou as condições de mudar as casas; ter as coisas melhor dentro de casa. As donas daqui, todas trabalharam. (E-DL)

No que se refere aos prejuízos relacionados a esse mesmo período da época do auge de trabalho, houve várias situações.

No território em geral, houve muito desmatamento para a construção do duto segundo contam os moradores, o que já é uma grande mudança, porém, durante esse desmatamento e a instalação do duto entre os sítios, foi que aconteceram alguns prejuízos para os sitiantes. Por exemplo, com a divisão do espaço que a empresa fez, um sitiante conta que:

[...] Eles entraram praticamente na má, porque um dia, eles... vinham fazendo a marcação, né! E veio mexendo, mexendo, mexendo e chegou ali, aí umas pessoas embargou eles, umas pessoas embargou. Ai, eles vieram com a licença do juiz, que o juiz mandou passar. (E-JPM)

E adiciona as coisas que aconteceram no seu sítio:

Aí antes nos prantávamos, igual prantado a braquiária aqui, que é a pastagem. Lá do mato até lá. A firma veio, arrancou essa braquiária, cá era igualzinha que lá, onde você está vendo essa tribulação lá, oh! Tá faiado lá. A firma tratou de replantar, não replantou. (E-JPM)



Figura 24 - Foto de parte de um sítio que ficou impactado pela instalação do duto, até o momento desse jeito. 2016.

A chegada de pessoas de “fora” nessa época de muito movimento, foi também uma época fora do comum, pois os moradores relatam que o lugar era muito tranquilo e com a chegada das pessoas, embora como já foi falado representou oportunidades econômicas temporárias, trouxe situações que contrastavam com pensamentos e jeitos tradicionais da região.

As pessoas acostumadas a morar num entorno de confiança e segurança, pois como foi falado os moradores no povoado da Ilha tem relações de parentesco e, em geral, na micro área de São José da Ilha “*todo mundo conhece todo mundo*”, se viram entre muitas pessoas desconhecidas

que não tiveram o mesmo tipo de relacionamento e que de alguma maneira chocaram alguns moradores:

[...] para mim foi bom não. Por uma parte foi bom: pôs comércio, né! Tava gerando mais emprego. Mas, tinha muita bagunça... ah! Som, carro; às vezes aconteceu até muitos assaltos aí... a gente não pode julgar o pessoal de fora, mas nessa bagunça toda envolvia muito isso... pertim de Dom Joaquim e aqui na Ilha mesmo. (E-S)

Essa época de muito trabalho foi temporária, trouxe atividades de trabalho, satisfação e incômodo para as pessoas. Passada essa época, a micro área e o município voltaram a ser como antes, conforme os moradores relatam, contudo, a empresa deixou o rasto e tem até hoje presença marcante.

6.2.3 Presença atual no território

O que existe atualmente referente à mineradora não fica só no plano material, pois nas representações que as pessoas fazem no cotidiano, expresso em suas falas, no seu agir e suas visões e projetos no curto prazo, há o envolvimento da empresa.

A paisagem na região, desde os municípios vizinhos até Dom Joaquim, conta entre seus componentes com extensa apropriação por parte da Anglo American. Quantidade expressiva de veículos e máquinas; letreiros nas estradas com advertências de propriedade particular da empresa e sinais de convênios com as prefeituras para execução de projetos, assim como as marcas visíveis no território, consequências das atividades realizadas e as “*firmas*” contratadas.

Nesta pesquisa, a legitimação e aceitação ou recusa de parte da comunidade dos impactos que a mineradora trouxe e deixou, são parte dessa presença na medida em que como coloca Bourdieu (1989, 2005, 2007), existe um campo de disputa entre agentes, que no caso, acontece entre a comunidade habitante da região, especificamente a comunidade da micro área de São José da Ilha e o agente externo (empresa) que traz outro tipo de capital representado no seus interesses. Assim, por exemplo o capital cultural, social ou econômico, estão em disputa dentro desse campo.

Contudo, o dito é importante segundo o entendimento que temos de cultura aqui como “fuente simbólica de iluminación para orientarse en el mundo... [social]” (GEERTZ, 2003, p.52), isto é, como experiência socializadora e reprodutora da característica humana que permite ao humano agir coerentemente entre humanos como ser humano.

Nesse sentido, sendo Dom Joaquim um município que se encontra na área de influência direta (AID) do empreendimento minerário da Anglo American, mesmo não sendo lugar de extração direta do ferro, é visto como agente no campo na disputa com seus capitais, e, tendo o entendimento acima mencionado do que é cultura, permite apresentar não somente o material como presença da mineradora, mas também o “simbólico”, que conta com o material no processo de influir e se misturar nas representações das pessoas e de se manifestar no agir da comunidade.

Além da adutora de água instalada na sede do município de Dom Joaquim, foi também instalada uma estação elevatória de água, a qual se localiza fora da cidade.



Figura 25 - Foto da planta elevatória de água da Anglo American em Dom Joaquim, MG, 2016.

Há, na atualidade, no município sinais de diversos convênios entre a prefeitura de Dom Joaquim e a *Anglo American*: revitalização do entorno da Capela do Cruzeiro (patrimônio da cidade), de pontes, de ruas, da drenagem pluvial, entre outros. A renovação do hospital e a construção da unidade básica de saúde na Ilha são também fatos relacionados aos benefícios recebidos pelos moradores. Nas conversas e entrevistas, eles expressam a gratidão pela chegada da empresa, pois o município não tinha recursos para essas melhorias.

Outras atividades valorizadas são os passeios que a empresa faz levando as pessoas no lugar de exploração do minério para conhecerem o processo de funcionamento. Ademais, alguns cursos e treinamentos (tanto para os trabalhos técnicos - vistos pelos moradores como atividades educativas - quanto a proposta de alguns cursos comunitários de hortas ou preparação de quitandas) para as pessoas da comunidade foram realizados, segundo os moradores relatam.



Figura 26 - Foto de placa de convênio entre a prefeitura e a Anglo American para revitalização de infraestrutura, na entrada da sede do município, 2016.

No trecho percorrido desde a sede do município até a Ilha, o duto de água atravessa por entre resquícios de mata, sítios e fazendas. Um morador que já havia relatado alguns problemas que aconteceram com a separação que a empresa fez dos territórios para a passagem das pessoas e dos animais na roça, narra que a construção do duto também extinguiu uma nascente no seu sítio, onde tomava a água para consumo e que agora tem que usar a de um vizinho:

[...] ali tinha uma nascente. Depois eu vou levar você para mostrar você. Corria a água lá que descia aqui e saía outra lá ali embaixo... eles furaram a tabulação, secou, a barragenzinha ali e secou de lá, então secou as nascentes. A única nascente que tinha, aquela ali... usava essa água aqui para... água que nós capta... vem lá do vizinho, lá do outro lado, e tem muito morador em cima de lá, então nós usa ela, então pegava água era aqui, pro consumo, mas era aqui. (E-JPM)

A instalação do duto trouxe prejuízos como o relatado anteriormente. Entretanto, outros sitiantes dizem que não foram afetados, pois para eles a vida continuou igual, embora seus territórios ficaram divididos e vários deles ainda não receberam o dinheiro da cessão da passagem do duto. Nas conversas com essas pessoas, elas comentavam que seus filhos trabalham ou trabalharam nas firmas ou fazem venda de produtos que melhoraram com a chegada da mineradora, o que possivelmente, diante a situação de melhoria econômica, mesmo temporária, percebida na época do auge de trabalho que prometeu a presença da empresa na região, as outras situações são suportadas.



Figura 27 - Foto do duto de água instalado no território de São José da Ilha 2016.



Figura 28 - Foto mostrando a separação de espaços no território pela instalação do duto, 2016.

Assim, nos lugares em que o duto não é visível, existem marcas na terra, que sempre contrastam com a paisagem, como se fosse uma estrada de terra, e ao longo dessa rota, existem sinalizações de postes curtos de cimento pintados de amarelo, que indicam que o tubo está enterrado.



Figura 29 - Foto de sinais que mostram locais onde o duto de água se encontra enterrado, 2016.

No entanto, como dito antes, a presença não fica somente no físico. Moradores querendo que as firmas permaneçam ou que o empreendimento cresça, são conversas muito comuns na Ilha e no resto de território da micro área de São José da Ilha em geral, mas também, na sede do município de Dom Joaquim, precisamente pela imagem e ideia que foi criada dela:

[...] aqui é bom se chegar alguma firma, algum trem dentro da Ilha, mas não tem nada aqui não. (E-C)

As obras e convênios tem relação com as falas das pessoas, no sentido que gostam da empresa pelas comodidades e melhorias que ela faz, mesmo não conhecendo se podem existir consequências ao longo prazo, pois geram uma imagem de empresa responsável e comprometida socialmente:

[...] tá fazendo igual por exemplo, eles já calçaram a... praticamente refizeram o saneamento básico em Dom Joaquim, calçaram, tudo nesse esquema, sabe! E aí, esse posto que tá aí foi feito nesse esquema. Foi a Anglo que produziu esse posto que tá aí. (E-M)

Perante essa imagem, os mais velhos têm expetativas para seus filhos, querendo que possam ter trabalho de menor esforço do que aquele realizado na roça, e vêm nas firmas uma boa possibilidade.

Eu graças a Deus sou aposentada, tá bom demais, né! E outra coisa é a nossa vida, só melhor... só melhor. Porque olha pra cá ver: meus filhos todo mundo trabalhando, né! Graças a Deus. Se não fosse essa empresa, onde é que esses meninos iam trabalhar. Iam ter... para fora daqui, ué! (E-ML)

Os mais jovens, que tem se formado na escola, saem com a ideia de ter outro trabalho, fora da roça, pois “é pessoa estudada”. Visualizam na Anglo uma oportunidade de continuidade de seus estudos. Numa conversa com duas moças de 19 e 20 anos, moradoras da Ilha, foi possível constatar que percebem na empresa uma opção para laborar, pois relataram que talvez entrariam nos programas que a Anglo oferece para se formar e depois trabalhar lá mesmo. Têm a ideia de que podem entrar se quiserem.

Um casal conta que:

[...] o pessoal [Da Anglo American] tá dando sempre cursos na Ilha, dão cursos direto, para os jovens formar... a Anglo, aí quando as crianças, quando os rapazes e as mocas formam, já tão empregados... Dão curso e as pessoas, já sai do curso, terminam com emprego garantido. (E-JS)

Conforme exposto anteriormente, são situações que socialmente legitimam a presença da empresa e as firmas. Porém, não é exatamente assim, pois na atualidade existe muito desemprego, embora já tenha havido “trabalho demais”. As expetativas se mantêm pelas convocatórias laborais que, as vezes, a *Anglo American*, ou as firmas realizam, colocando letreiros no povoado da Ilha ou na sede do município, e nas quais apontam o perfil necessitado para empregar, mas cujas vagas são muito limitadas.

Na micro área de São Jose da Ilha existem pessoas que foram reassentadas pela Anglo, isto é, que foram tiradas das suas terras, no local de extração do minério. As suas casas são novas, elas são pessoas que tem boa condição financeira. Esse é um dos motivos que ajudam a legitimar a imagem da empresa na região.

Tem outro fato que toma importância, é o desconhecimento dos moradores do que acontece além do aparente e imediato para eles, quando se pergunta se eles sabem de prejuízos que existem no lugar de extração do minério, alguns falam dos problemas ambientais, dos deslocamentos, mas sempre como algo distante.

[...] tem ouvido, igual o impacto ambiental, no caso eles estão arrancando terra lá, tem muita poeira, tem as distâncias que atingem a população urbana ou a população rural. Então tem a determinada área que pode ter morador ali, cada poluição da poeira, do pó, e também pode, lugar que diz que tem detonação, aliás pode um pedaço de pedra pode atingir a pessoa. (E-JPM)

Quando se conversava ou perguntava sobre problemas ambientais locais, as pessoas relatavam que não havia. A água é um tema comentado, pois é do próprio município que é coletada, mas ficam falando que na região tem muita água, e mesmo tendo problemas de seca, como estava acontecendo na época do trabalho de campo, eles não se importavam muito do fato da mineradora pegar a água do seu município.

Há pessoas que falaram do desmatamento que houve para a instalação do duto e a possível relação com o fato da água ter diminuído, contudo eles não têm outra posição geral, salvo poucas pessoas, como o caso do sitiante que relatou como foi realmente afetada sua nascente. A presença da empresa é sempre legitimada pelas oportunidades de melhoria compreendidas pelos moradores desde o aspecto econômico.

Uma moradora da Ilha diz o seguinte:

[...] olha, aqui na região o único problema que a gente viu, foi muito desmatamento, sabe! É a gente acha que, de certa forma... de certa forma em todo lugar ainda vem diminuindo bastante a água. Depois do desmatamento a água diminuiu muito mais a água na região, sabe!

Em seguida comenta que:

Mas aqui na Ilha, se você falar com a vinda da Anglo pra cá que diminuiu a água, não precisava, há muita gente que briga demais, porque [vão] falar assim: a Anglo trouxe serviço, mas trouxe serviço é muito bom. (E-M)

6.3 Algumas situações a respeito da saúde em São José da Ilha

Na micro área de São José da Ilha, de acordo com os dados da ESF, habitam 457 pessoas, das quais 49,2% (225) são mulheres e o 50,8% (232), homens.

A pirâmide populacional permite observar como está composta demograficamente quanto ao sexo e idade, a população local.

Embora não se tenha a pirâmide populacional da micro área para uma análise do movimento demográfico, é importante contar com esta pirâmide como insumo para posteriores análises, sobretudo com relação aos fenômenos de migração, que na pesquisa registram-se as diversas situações e efeitos desta. Assim também, é valioso para estudos posteriores que utilizem da dinâmica demográfica, para a implementação de programas e aprofundamento de estudos que foquem no comportamento dos grupos etários por sexo. Cabrera, Vasquez e Abascal (2007) discutem a respeito disso:

La población de un país tendrá una determinada estructura según atributos como el sexo y la edad, en dependencia del comportamiento de los nacimientos, las muertes y las migraciones, evolución fijada por el comportamiento que hayan tenido las variables fecundidad, mortalidad y migración. Estas variables son las que en última instancia siempre establecen la estructura y dinámica de la población.

[...] Aspectos tan importantes como la reproducción, mortalidad, morbilidad, migración, actividad económica, difieren de un sexo a otro. Con la edad sucede algo similar, pues es un atributo que limita e influye en la evolución de la población en hechos específicos de la

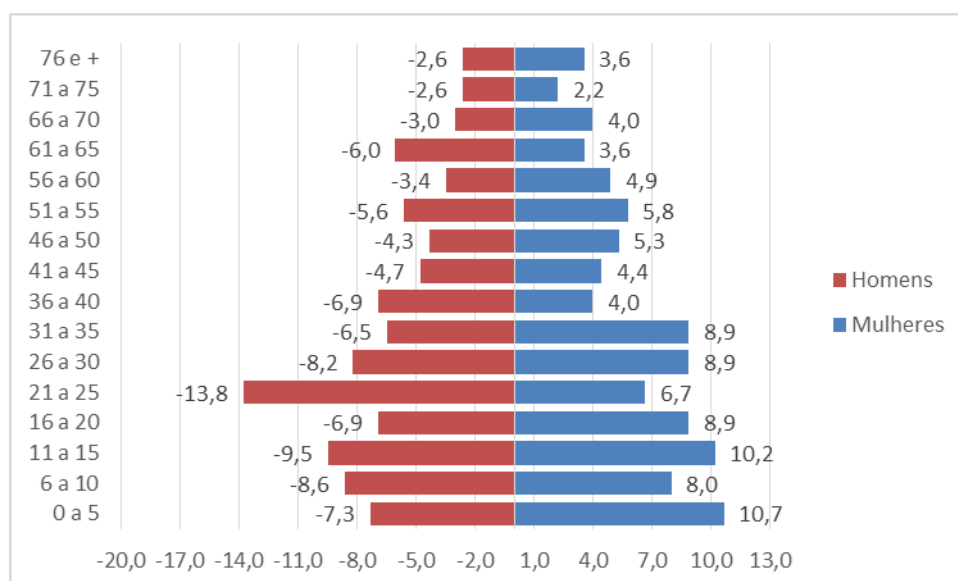
actuación de la sociedad a la que sirve de base, razón por la cual la población se analiza, generalmente, considerando en conjunto ambas características: sexo y edad. (CABRERA; VASQUEZ e ABASCAL, 2007)

De acordo com as faixas etárias a maior porcentagem dos homens se encontra na faixa etária dos 21 a 25 anos representando 13,8% do total dos homens, enquanto as mulheres, estão na faixa dos 0 a 5 anos (10,7%); assim também, pode se observar que até a faixa dos 31 a 35 anos a pirâmide é mais comprida. Esse tipo de pirâmide segundo os autores supracitados pode ser entendida da seguinte maneira.

Si presenta una base dilatada y una cúspide estrecha se considera una estructura de población joven, con una alta proporción de niños y jóvenes, debido a una alta fecundidad y una alta mortalidad. En este caso, los menores de 20 años representan entre el 40 y 50 % de toda la población y los ancianos menos del 5 %, y se asocia a países subdesarrollados en las primeras etapas de la transición demográfica. (Ibid).

Porém, não significa que ocorrem muitos nascimentos e muitos jovens em quantidade, mas sim em proporções, isto é, esse tipo de estrutura pertence às características descrita pelos autores sempre que analisado desde as proporções.

Gráfico 1 - Pirâmide populacional da micro área de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, MG, 2016.



Fonte: Gráfico construído com dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de Dom Joaquim, MG e fichas de cadastramento da ESF.

Conhecendo um pouco a estrutura demográfica da população, são discutidos alguns parâmetros a respeito das doenças e suas distribuições, com as quais as pessoas convivem no seu dia a dia, de acordo com os dados obtidos das Fichas A de cadastramento da ESF.

A doença presente majoritariamente entre os moradores deste lugar é a hipertensão arterial (HA). Dos 457 moradores, 54 (12%) convivem somente com este agravo à saúde, mas somando as 8 (2%) pessoas portadoras de diabetes (DIA), são 62 (14%), pois todas (neste local) as pessoas que tem DIA, têm também HA.

Gráfico 2 - Distribuição percentual da HA de acordo com o sexo na micro área de São José da Ilha, município de Dom Joaquim, MG, 2016.

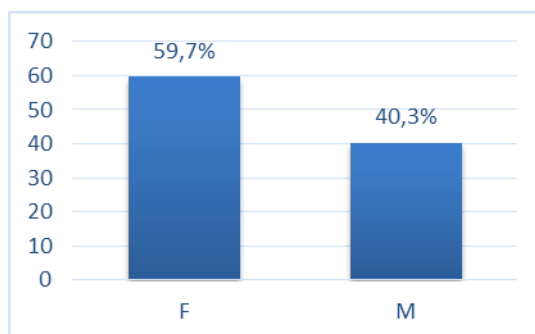


Gráfico construído com dados fornecidos pela Secretaria de Saúde do município de Dom Joaquim, MG.

** Nesta informação foram adicionadas as doenças hipertensão arterial e diabetes, pois todas as pessoas que tinham diabetes também tinham hipertensão arterial.*

Camargo, Anjos e Amaral (2013) comentam que:

A hipertensão arterial sistêmica representa um sério problema epidemiológico no Brasil, tanto pela sua elevada prevalência na população adulta e idosa, quanto pelas complicações que acarreta, com acentuadas taxas de morbimortalidade e impactos relevantes nos custos hospitalares, previdenciários, econômicos e sociais.

É uma síndrome de origem multifatorial caracterizada pelo aumento das cifras pressóricas arteriais, possibilitando anormalidades cardiovasculares e metabólicas, que podem levar a alterações funcionais e/ou estruturais de vários órgãos, principalmente coração, cérebro, rins e vasos periféricos (CAMARGO; ANJOS e AMARAL, 2013, p. 865)

Segundo a informação obtida na micro área de São José da Ilha, esta comunidade está dentro desse panorama. Embora as informações a respeito são poucas e limitadas, pois não era nosso principal objeto de pesquisa, é importante que seja ementada a situação, já que faz parte do cotidiano que as pessoas têm que viver todo dia, correndo os riscos. Assim também está registrado, segundo Costa et al. (2007) numa pesquisa realizada em Pelotas, Rio Grande do Sul (Brasil):

Quanto à distribuição de fatores associados à hipertensão arterial sistêmica, foi verificado que cerca de 60% dos indivíduos possuíam história familiar de doença hipertensiva, 30% eram fumantes e cerca de 12% dos entrevistados adicionava quantidade extra de sal a sua alimentação. Apenas 20% dos indivíduos estudados realizavam atividade física considerada suficiente para obter benefício para a saúde. Cerca de 65% ingeriam bebidas alcoólicas em quantidade inferior a 30 g/dia. Constatou-se que aproximadamente 6% dos indivíduos referiram o diabetes melito e 53% dos participantes apresentavam sobrepeso ou obesidade (COSTA et al, 2007, p. 62).

Estes são resultados de um estudo epidemiológico que refere-se aos aspectos ligados aos estilos de vida e genética, mesmo sem falar de outras questões envolvidas no processo complexo da saúde-doença, é importante quanto ao conhecimento de partes que estão nesse processo.

Neste trabalho entende-se que as doenças se desenvolvem na complexidade do processo saúde-doença, processo no qual estão tanto as partes sociais quanto psíquicas e materiais como simbólicas (ALMEIDA-FILHO, 2004), e onde o movimento desse processo se dá de maneira dialética entre as dimensões gerais, particulares e individuais (BREILH, 1999, p. 24).

A pesquisa se encontra contextualizada dentro do paradigma da determinação social da saúde no sentido que os modos de vida são influenciados pelas situações de uma época e lugar específicos. Se as condições existentes comprometem a sustentabilidade de um lugar, se comprometem a soberania territorial e com ela a sua segurança alimentar, as relações e formas de se relacionar de a comunidade, estão sendo vulnerabilizados e têm influenciado seu processo de saúde-doença, pois:

[...] a saúde, num determinado contexto sócio-histórico, é construída a partir de políticas públicas oriundas de vários setores – indústria e comércio, agricultura e pecuária, turismo, ambiente, educação e outros... não basta ter um sistema de saúde eficiente se o modelo de desenvolvimento econômico adotado por uma determinada sociedade e suas tecnologias são potenciais geradoras de má qualidade de vida, e agravantes do perfil de morbidade e mortalidade dos grupos atingidos. (RIGOTTO, 2009, p. 2054)

7 Discussão - Processo de influência da mineradora na mudança dos modos de vida

Perante o objeto de estudo desta pesquisa, mais do que identificar os impactos e consequências das atividades da mineradora *Anglo American* nos modos de vida da área rural conhecida como São José da Ilha do município de Dom Joaquim, MG, buscou-se compreender o processo de mudança nesses modos de vida. Quer dizer, como a presença do empreendimento age sobre o desenrolar da vida das pessoas.

Deve ser levado em conta que na micro área de São José da Ilha, ao ser parte da ADA do empreendimento mineral da *Anglo American* (DIVERSUS, 2011), a realidade é continuidade e expressão do modelo econômico atual, pois consegue se impor uma lógica de interesse acumulador de capital econômico através do emprego do ambiente como recurso para a acumulação sobre os diversos aspectos da vida de quem ali habitava e, nesse sentido, a reprodução e legitimação dessa lógica entre os moradores tradicionais através de suas representações do que é desenvolvimento ou progresso num cenário de melhorias materiais temporais, faz considerar a influência nos seus modos de vida.

A situação atual, e que vem acontecendo há vários anos, a respeito da reprimarização da economia do país, na qual o papel da produção dos “*comodities*” têm forte protagonismo, coloca o Brasil no meio da geopolítica internacional como fornecedor de matéria prima, trazendo consequências impactantes para os territórios dedicados ao uso desses interesses e com estes, para seus habitantes, suas culturas e ecossistemas naturais (HENRIQUES, 2013; PORTO e MARTINEZ-ALIER, 2007).

Conhecer o processo de modificação dos modos de vida implica compreender a lógica de interpretação da visão do mundo no qual as pessoas estão inseridos, e como o recriam. Nesse sentido, lembrando Minayo (2000, p. 34), no que tange à produção da consciência determinada pela base material, mas que essa base material é sempre modificada pela capacidade da consciência, nos remete à questão do movimento e continuidade dos contextos históricos, os quais estabelecem condições materiais desconhecidas para um determinado grupo específico, já que não ficam aí, no material, pois essas condições trazem mudanças para sua visão da realidade e portanto na continuidade da mesma.

Neste modo de ver, uma forma de conhecer o processo dialético de construção e interpretação da realidade pode ser compreendido a partir do paradigma da determinação social da saúde, proposto por Breilh (1999, 2003, 2013), no que tange às dimensões envolvidas no processo de saúde-doença, pois como é compreendido nessa teoria, esse processo é complexo, e se desenvolve em várias dimensões. Isto é, na dimensão geral, a qual tem a ver principalmente com o sistema econômico dominante e o que acontece e gera nos aspectos políticos, sociais, ambientais; na dimensão particular que se refere à dimensão grupal, e dentro dela os elementos que podem dar características para agrupação, como classe social, etnia e gênero; e, na dimensão individual, quer dizer, o indivíduo.

Nas palavras do autor:

La realidad social, sentido amplio, se mueve en y entre diferentes dominios: el de los procesos y contradicciones generales que corresponde al ámbito de la sociedad en su conjunto; el de los procesos de los grupos sociales que existen como unidades de producción y acumulación de poder (clases sociales, géneros y etnias, con sus subgrupos generacionales), cada uno de los cuales tiene modos de vida diferentes; por último, los procesos de la cotidianidad familiar-individual que funcionan como unidades de práctica doméstica (que es más que el trabajo doméstico y lo incluye), es decir, unidades de reproducción supervivencia de la población y su fuerza de trabajo y de producción cultural-simbólicoideológica, de subjetividades y de ideas políticas, existen con sus estilos de vida. (BREILH, 1999, p. 24)

Dessa forma, a presente pesquisa, aprofundada na dimensão particular através do estudo dos modos de vida, emprega alguns elementos da dimensão geral, uma vez que o que acontece nesta influi tanto no grupal como no individual.

González e Melo (2015), dizem a respeito que a chegada das grandes empresas dedicadas a atividades extrativas são, na atualidade, resultado de negociações no modelo econômico que privilegia o lucro e se afasta dos interesses de brindar condições dignas ao ser humano e ao ambiente, com a criação e aprovação de marcos normativos e planos de desenvolvimento orientados à exportação de minérios globalmente demandados.

De tal modo, tais marcos normativos, e planos de desenvolvimentos, se tornam condicionantes locais para as comunidades, que recebem e ficam envolvidas nas consequências.

O caso do sitiante em São José da Ilha que viu a nascente do seu sitio secar; que a instalação do duto representou uma divisão do território que afetou a mobilidade, portanto as dos vizinhos e suas relações; e, os problemas de indenizações por parte da empresa a vários sitiantes pela uso de suas terras para a construção do duto, são algumas das irregularidades nas quais eles não tiveram escolha, aceitaram essas condições sob o argumento de haver um ressarcimento econômico, mas que até hoje não foi feito, vivem também, embora não percebido por todos, essas divisões sociais e impacto ambiental.

Essas irregularidades, começando pelas decisões administrativas e legais que deixaram a comunidade fora da esfera de decisão e como receptores do que chegava, foram vividas ao longo do território de implantação do projeto, isto é, desde os municípios de Minas Gerais até o Porto do Açu, em São João da Barra no Estado do Rio de Janeiro (BARCELOS, 2013).

Outras experiências, como o caso da comunidade rural Dois Irmãos no município de São Mateus do Sul, PR (Brasil), no qual a comunidade teve que deixar as condições e modos de vida de várias gerações, para ser reassentada, pois “O Decreto Federal de 24 de agosto de 2000 autorizou a PETROBRAS/SIX a desapropriar 15.395.025 m² de área de seu interesse, abrangendo partes de duas comunidades rurais de São Mateus do Sul: Rio das Pedras e Dois Irmãos” (WATANABE E FERREIRA, 2011, p. 378), exemplifica que, embora seja importante para uma comunidade um lugar, pela sua história, as decisões são tomadas e executadas sem que isto seja contemplado e, sempre com o interesse do grande capital.

Por sua vez, a situação de várias famílias da comunidade de São Sebastiao do Bom Sucesso no município de Conceição do Mato Dentro, na que tiveram que sair do seu lugar tradicional (GUSTIN e SANTOS, 2013) sendo alguns deles reassentados em São José da Ilha do município de Dom Joaquim, mesmo eles gostando do lugar e as condições nas que foram reassentados, segundo eles narram, não deixa de ser uma situação que não foi eleita por eles nem pela comunidade onde chegaram.

Por outro lado, dentro do cenário de condicionamentos sobre a vida de comunidades locais, o acontecido em Conceição do Mato Dentro e em municípios vizinhos, nos quais a economia e a infraestrutura foram transformadas e tomadas para atendimento das decorrências da atividade minerária, sendo esta uma região que visava se consolidar como zona turística, não constitui um assunto menos importante, na medida em que os impactos ambientais e sociais, são diferentes em qualidade e quantidade, se comparados os dois tipos de atividades. Pereira (2015) afirma que:

[...] a cidade de Conceição do Mato Dentro, desde meados dos anos 1990, formatava políticas de conservação ambiental e de turismo como vetor de crescimento, tendo se autodenominado “Capital mineira do ecoturismo” e investido em capacitação da rede de negócios para sua inserção em programas de desenvolvimento local, por exemplo, associado ao projeto da Estrada Real. Em 2006, com o anúncio da chegada da mineração, todos os esforços públicos e privados foram reorientados para atender ao grande fluxo de trabalhadores da empresa mineradora e de terceirizadas ou prestadoras de serviços que começaram a circular pela cidade. Ao mesmo tempo, assistiu-se à fragilização dos projetos e turismo na região, pois seus mantenedores (entre eles a Fiemg, o Instituto Estrada Real) e operadores (as secretarias municipais de turismo, os proprietários de meios de hospedagem etc.) voltavam sua atenção aos negócios de hotelaria e alimentos para atender à mineração, com retornos financeiros imediatos. (PEREIRA, 2015, p. 55)

É nesse panorama que o grande capital e as decisões tomadas pelos governos e setor privado têm um papel de importância e impactante sobre as condições dos habitantes locais, com consequências com significados diversos.

Os impactos são sentidos no nível grupal ou dimensão particular, na medida que acontecem num lugar e momento específicos, nos quais pessoas e famílias o partilham, estão assim comprometidas as formas tradicionais e partilhadas de sobreviver.

Levando em conta que a cultura funciona como rede de significados socialmente construídos, que norteiam o agir do homem na vida social (GEERTZ, 2003), sua ação não é uniforme globalmente, isto é, ao funcionar como característica do ser humano em geral, não é expressada de igual forma em todos os lugares e povos, tendo nesse sentido sempre particularidades, e mesmo dentro das particularidades, expressas outras particularidades, se tornando assim, segundo Laraia (2008, p. 96), uma característica mutável e dinâmica, que encontra expressões mais coerentes em grupos específicos com laços históricos no tempo e espaço.

São José da Ilha não está isento disso, quer dizer, o que é e o que há, nem sempre foi e nem sempre será, pois no contato com o de fora e nas transformações internas, tem se interiorizado características virando-as coisa de dentro e com certeza, o que é parte deles é exteriorizado virando-o coisa de fora. Isto acontece no contato com as pessoas de fora e no contato com as pessoas e características da região. Assim sendo, no convívio dos moradores, nas suas falas e cotidiano, são compreendidos alguns aspectos relacionados às mudanças dos seus modos de vida.

Se bem que, na comunidade de São José da Ilha não houve processo de deslocamento, houve sim processo de desapropriação de terra, o que comprometeu as suas relações com o entorno e com vizinhos, uma vez que dividiu lugares na roça por onde as pessoas andavam e onde o gado podia ser levado. Este era um território com outros significados para os sitiantes e moradores. Assim, embora não tenham vivenciado o ocorrido na comunidade rural Dois Irmãos, como referido anteriormente, onde houve famílias deslocadas (WATANABE e FERREIRA, 2011); contudo, houve sim, como no caso de Itamarati (MG, Brasil), um

[...] efeito imediato, as populações dos territórios passaram a conviver com a apropriação, por parte das empresas, de recursos naturais como a água e dos usos do solo. Ao mesmo tempo, elas passaram a ser impactadas por mudanças bruscas no ambiente físico e social e nas relações de poder que, por sua vez, interferem diretamente na organização dos espaços vividos pela coletividade (HENRIQUES e PORTO, 2015, p. 1362)

Nessa sequência, os modos de vida descritos de São José da Ilha, dão conta de uma sociedade que, para satisfação de grande quantidade das suas necessidades, se emprega dos recursos que fornece o seu entorno, onde são produtores no mesmo lugar do que precisam para o consumo. Isto é, existe, no que se refere aos moradores e sitiantes que trabalham a terra para criação e para cultura, uma continuidade no que historicamente tem caracterizado a região (FIDELIS, 2001; DIVERSUS, 2011), mas que também, ao chegarem outras formas de trabalho para a subsistência dos moradores, estas, são aceitas e desenvolvidas.

Conforme narrado por um aposentado quando disse que trabalhou em firmas de plantação de eucalipto na região, e que contrastado com os registros do IBGE (2016), a respeito da silvicultura no município desde o ano 2004 até o ano 2015, é possível reconhecer que desde esse ano já existia esse tipo de atividade, fosse para madeira ou fosse para carvão, percebendo-se então, que existindo o trabalho rural e modos de vida tradicionais, estes também são misturadas com outros tipos de trabalho.

Por outro lado, nesse trabalho rural, pode se dizer que existe também uma ética e uma política do cuidado como abordado por Dumont (2012) desde as teorias feministas. Este, está presente no trabalho da mulher no que refere-se ao cuidado do lar, dos filhos, do esposo, em geral, do funcionamento da família dentro do lar. Isso desde uma perspectiva ética do cuidado; mas também, desde uma perspectiva política do cuidado, nas relações de vizinhança e parentesco, retratadas no seu cotidiano e, para quem mora em sítios, o respeito pelo mato e os animais que estão no entorno, como o caso do morador que não tendo benefício direto de uma árvore em seu sítio, ele disse que não corta, pois os passarinhos gostam dela. Tomar conta do outro para tomar conta de si próprio.

Essa parte da análise, permite compreender outra característica cultural presente nos modos de vida em São José da Ilha e que é, no que tange à relação com o ambiente no sentido não lucrativo e sim de sobrevivência. Se trata precisamente de um outro trato do humano com o ambiente, conforme Diegues (2000) afirma, o humano sempre degrada, modifica e consome a natureza, embora estes se dão dentro de outra lógica. Em palavras de Henriques e Porto:

A lógica das grandes empresas é diferente da das populações locais. Para as empresas, a preocupação é sua inserção na economia-mundo com sua política de espacialização, enquanto que as populações locais têm como objeto maior de preocupação, a fixação e a perenidade de seus processos de reprodução. (HENRIQUES e PORTO, 2015, p. 1363).

A situação na micro área de São José da Ilha com relação ao tempo de presença da mineradora é ainda pouco, o que em parte pode refletir dos achados ainda muito tradicionais quanto aos modos de vida, pois até os mais velhos, que moram em sítios gostariam de ver seus filhos fazendo outros trabalhos diferente ao rural, o que será discutido mais na frente.

É possível falar então, de mudanças quanto a assimilação de gostos e necessidades que no processo de reprodução social do lugar vão ser reproduzidas, e que parecem ir no caminho da urbanização e afastamento do uso tradicional da terra, pois é no longo prazo que esses efeitos seriam notados de maneira relevante como mostrado por Arregui (2015) numa comunidade quilombola no norte do Brasil.

No caso da cidade de Itamarati, (MG, Brasil), Henriques (2013) discute como com o passar dos anos foram mais visíveis essas mudanças. Refere-se, por exemplo, às variações nas porcentagens de “*lavouras temporárias e permanentes*” do município, as quais, reduziram de 13,26% a 6,90% no período de 1996 a 2006, perante a presença das atividades minerárias. Refere-se também: “*A diminuição das áreas produtivas (lavouras) corrobora a situação de crise em que vive a agricultura familiar no município, onde a mineração de bauxita se apresenta como um ingrediente a mais.*” (p.158).

Na história do município de Dom Joaquim, este já era uma rota de comunicação entre outros municípios e que mesmo foi fundado por migrantes que iam chegando (FIDELIS, 2001; IBGE, 2016). Suas características culturais sempre estiveram em contato com outras, de fora, o que permite dizer que a atividade minerária comunicou e colocou o município em contato com outras características culturais.

Dessa forma, como relatado por Fidelis (2001, p. 271), as pessoas iam saindo da região em busca de outros serviços em outras cidades. No relatado pelos moradores de São José da Ilha, sobretudo, os adultos mais jovens, eles buscam outros serviços com melhor pagamento, e na procura de outros trabalhos fora da roça. As pessoas estão indo nessa direção, deixar o trabalho no campo, como disse uma moradora: “*nem todo mundo nasceu para trabalhar na roça*” (E-DL).

Portanto, foi a chegada da *Anglo American*, de acordo com as pessoas da região, o que permitiu melhorias nas condições de vida, a qual foi percebida por eles na renda que as famílias receberam pela movimentação da economia e, pelas divisas recebidas na prefeitura, o que parece estar levando por um caminho com direção ao desenvolvimento por gostos e necessidades mais urbanos e de afastamento desses modos de vida na roça, que tem outra relação não lucrativa a respeito de seu entorno.

A possibilidade de ter acesso a outros insumos, vêm também, da possibilidade de conhecer coisas que antes não conhecia. Nesse sentido, a chegada das firmas permitiu tanto o ter acesso quanto ao conhecer. Isto, aconteceu no meio do aumento dos empregos para os moradores e, no contato com pessoas de fora sobretudo, relacionado com a migração de trabalhadores, pois,

Os processos migratórios de grandes contingentes de trabalhadores atraídos para a fase de construção dos empreendimentos, [...] colocam novas demandas de moradia, saneamento, educação, saúde, transporte, lazer. ... A migração para centros urbanos e regiões metropolitanas está fortemente associada à violência, acidentes de trânsito, doenças sexualmente transmissíveis e aids, consumo de álcool e drogas ilícitas, doenças mentais e sofrimento psíquico, gravidez precoce, etc. (RIGOTTO, 2009, p. 51)

São José da Ilha no aspecto social esteve dentro destas situações o que teve efeitos sobre os “*modos de subjetivação, a maneira como as pessoas moram, trabalham, se relacionam umas com as outras, elaboram sua expressão coletiva*” (Ibid).

Assim, a fala de um morador quando disse que com a chegada da Anglo *“isso aqui mudou demais... ninguém planta mais”* (E-J), explicitando que muitas pessoas deixaram de trabalhar na roça para trabalhar nas firmas, mesmo sendo temporário como foi, nos adentra na continuidade dessa mudança, no sentido que as pessoas gostariam de manter as firmas, nos casos dos que ainda trabalham nelas; ou, ter de novo a situação migratória e de ofertas de serviços que já aconteceu para voltarem a trabalhar nelas quem já trabalhou e não trabalha mais, ou, os mais novos que veem nesta oportunidades.

As falas dos mais velhos a respeito de que gostariam ter seus filhos trabalhando nas firmas, e os mais jovens querendo trabalhar nestas, é percebido como a oportunidade de trocar o trabalho difícil na roça. Em Itamarati (MG, Brasil), perante a situação lá, as pessoas expressaram de forma similar a respeito das melhorias em infraestrutura e serviços com salários:

As famílias entrevistadas concordaram que no passado as condições de vida e sobrevivência eram mais difíceis. Não havia acesso a serviços como “energia elétrica, as estradas eram ruins, havia muita pobreza” (A, 69). O acesso a esses serviços e a melhoria das condições gerais do país são os argumentos que sustentaram, na visão dos agricultores, esse progresso. (HENRIQUES e PORTO, 2015, p. 1369)

Assim, atrás dessa transformação no pensamento coletivo, a relação com o território, o agir sobre ele vai mudando também. Jerônimo e Souza (2015) empregando-se das categorias de lugar e espaço comentam que *“lugar e subjetividade se entrelaçam pelas vivências, pelo simbolismo, pela dimensão identitária que faz parte tanto da singularidade de cada sujeito, quanto da manifestação das aprendizagens sociais que se voltam ao coletivo”* (p. 82). Portanto, essa dinâmica é a continuidade dos modos de vida tradicionais do que tinha e do que chega, tendo assim essas mudanças nos mais novos uma acolhida diferente do que os mais velhos, é vivida e partilhada entre os moradores do lugar.

Lembrando Bourdieu (2006), ao entender o habitus ou disposições temporárias como história do indivíduo e estrutura interiorizada que lhe permite receber e compreender a realidade da qual é parte, é possível dizer que os mais velhos no contato com suas atividades de trabalho ligadas à terra, tiveram outras estruturas objetivas que influenciaram seus habitus históricos, o que diante dos acontecimentos nos seus lugares e a agressão aos seus valores, fazem eles aceitarem ou recusarem a presença das atividades advindas pelo grande empreendimento. É diferente se comparados com os mais novos, pois sendo as estruturas objetivas sociais que influenciaram seus habitus perante outras condições e experiências, as representações são também diferentes, estando dentro desse dinamismo e movimento do que tinha a região e o que chega.

O autor supracitado diz que:

Si no hay ninguna duda de que el alejamiento al orden tradicional y la entrada, a menudo brutal, en el mundo de la economía moderna acarrear y suponen transformaciones sistemáticas del habitus, reducir a su dimensión psicológica el proceso de adaptación a la economía moderna es tomar el efecto por la causa. De hecho, “las transformaciones caracterológicas”, así como las “transacciones culturales” de las que hablan los antropólogos, son efectuados concretamente por agentes particulares insertos en condiciones económicas y sociales particulares, lo cual, no significa que no le deban nada a la lógica de las disposiciones adquiridas o de los sistemas culturales presentes. (BOURDIEU, 2006, p. 70-71)

Assim sendo, a procura de outros serviços onde o importante é o salário, se dá, não simplesmente como uma escolha individual, como aponta Bourdieu, mas como um enquadre do *habitus* dentro das “transformaciones caracterológicas” e “transacciones culturales” decorrentes da inserção de “agentes particulares”, inseridos no contexto econômico e social da comunidade. Isso, muda o significado da terra e do território, pois não são mais o meio indispensável para satisfação de necessidades que através do dinheiro podem satisfazer.

Isto, somado às percepções de que as mudanças ambientais na micro área até agora não foram graves e que o vivenciado durante o processo de migração de trabalhadores, com seus alguns efeitos negativos, foram desenvolvimento e melhorias econômicas, legitima a presença das atividades extrativas.

Nesse seguimento, o debate entre melhoria econômica e soberania territorial traz outro aspecto importante: a segurança alimentar. Se bem os modos de vida nos aspectos de emprego tradicional do uso da terra na Ilha, são soberanos no aspecto dito por Breilh (2010b, p. 97), como “*Autarquia de la vida*”, dentro da sustentabilidade, a região está diante um fenômeno que compromete esta.

O abastecimento alimentar é definido como:

[...] as condições em que se dá o acesso aos alimentos pelos diversos segmentos da população. É um dos temas - chave para a Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (SANS) e deve ser analisado em pelo menos dois aspectos principais. O primeiro deles, e mais geral, é que as ações de abastecimento têm por objetivo possibilitar que todos os segmentos da população tenham acesso a alimentos em condições apropriadas em termos de quantidade, preço e qualidade, com importante repercussão na composição do consumo das famílias. A segunda conexão entre abastecimento alimentar e as políticas de SANS, que deve ser ressaltada, é a capacidade que as ações de abastecimento podem ter no sentido de promover a produção e a distribuição dos alimentos sob formas socialmente equitativas, ambientalmente sustentáveis e culturalmente adaptadas. (MINAS GERAIS, 2015, p. 2)

Como visto, na micro área de São José da Ilha, para quem mora na roça ou trabalha no sistema meeiro, o trabalho tem como fim a produção para alimentação da família, com as características do abastecimento alimentar proposto. Isto difere um pouco na Ilha, no sentido de esta ser um aglomerado urbano e várias famílias ter se afastado do trabalho direto da terra, mas mesmo assim, a questão das hortas e o preparo da comida tradicional do jeito tradicional é comum ainda.

Assim, essas mudanças nas atividades de trabalho fazem também mudar a forma de alimentação. Na comunidade Quilombola Boa Vista no Estado de Pará (Brasil), a atividade minerária da empresa Mineração do Rio Norte, que explora bauxita, e entre os diversos impactos, afastou os quilombolas de suas atividades tradicionais, entre elas a forma de se alimentar:

They received a salary that was enough to purchase food and basic products at the mine facilities. They started to visit every week the mine's supermarket. Quilombolas had no more need for hunting, fishing or raising farm animals around their palafites. They even abandoned the roçados, the classic slash-and-burn plantations where they used to grow pineapple, sweet potatoes, bananas and above all the manioc's tubercles that contributed the main caloric source of their diet. (ARREGUI, 2015, p. 256)

Os trabalhos oferecidos pela mineradora, mesmo sendo temporários afastaram os quilombolas dos modos de obter a alimentação diretamente da terra, que pode ser considerada como

uma das suas atividades de trabalho. Mas, não é somente a forma do trabalho o que muda, é também o que as pessoas comem.

Se bem que em São José da Ilha muitas das pessoas que tem culturas e tem hortas compram várias coisas, tem outros, na Ilha, que compram quase tudo o que precisam para a alimentação, e é nesse sentido que se trocam comidas frescas e naturais por comidas industrializadas, com excesso de açúcares e gorduras.

O dito está relacionado com o processo de reprodução social do conhecimento tradicional de relacionamento com a terra. Embora ainda exista, segundo a descrição dos modos de vida apresentados, também existe essa mudança geracional no afastamento no que tem a ver com as atividades de trabalho, as quais são chaves nesse conhecimento tradicional.

O próprio Arregui (2015), em sua pesquisa, empregando-se da teoria de Foucault, nomeia de *"The mine 'microphysics of power'"*, para explicitar que a mina impôs uma outra disciplina ao corpo dos quilombolas, à qual não tinham costume: *"lothing, surveillance cameras, rigid behavioral rules and health controls inserted them in a completely new dimension of restrictions and obligations"* (Ibid, p. 256).

Ainda, o autor vai além, e ao compreender o corpo do quilombola e seu ambiente como uma unidade, na qual o quilombola consegue sobreviver com o que tem no seu entorno, explicita como a chegada da mineradora quebrou essa unidade nas novas gerações. As habilidades e conhecimentos do entorno para sobreviver foram trocados, pelos trabalhos técnicos e entrada no mercado para satisfação das necessidades (Ibid. p. 257-258).

É nesse sentido que as mudanças parecem estar acontecendo em São José da Ilha, mesmo existindo gosto por muitas coisas da região no que se refere ao lazer ou comida típica, o conhecimento tradicional que permite essa soberania territorial, seguridade alimentar e convivência vem se modificando.

Finalmente, existe um poderoso motor que legitima e argumenta o pensamento generalizado sobre o crescimento econômico como progresso e avanço para o ser humano e, que dentro da percepção de realidade partilhada em São José da Ilha parece adquirir mais força. Trata-se então, de um discurso que se generaliza, se impõe e se reproduz como a "verdade".

Breilh (2003), coloca a práxis e a episteme, como elementos importantes no desenvolvimento dos modos de vida. Se emprega do conceito de *Episteme* do Foucault, no que o Foucault define como *"conjunto de reglas inconscientes que rigen el discurso general de la cultura"* e complementa citando Moreno para afirmar que a *"episteme define las condiciones de posibilidad de lo que se puede pensar, conocer y decir em um momento histórico determinado"* (p. 99). Assim sendo, as epistemes contém interesses.

Os modos de vida são expressos na práxis de um grupo, mas esta, mantém relação com essa episteme. Assim, os grupos sociais possuem suas epistemes, dentro da qual um grupo pode pensar, conhecer e falar num momento determinado. Com o desenvolvimento e a reprodução social de um grupo com sua episteme, que conforme dito, contem interesses -sejam os grupos sociais cientes destes ou não- encontra em outras epistemes contradições.

Nesse sentido, pode-se dizer que a mineradora trouxe uma episteme com interesses disfarçados no discurso de uma “verdade”, quanto ao desenvolvimento e progresso da comunidade, como crescimento econômico, pois entre as pessoas, estão se reproduzindo gostos e percepções a respeito do local, que nos modos de viver tradicionais não tinham e que reflete na sua forma de alimentação, relação com o entorno e entre as pessoas.

Diegues (2000) comenta que o poder exerce domínio sobre a ciência e os setores administrativos, o que coloca o conhecimento científico como instrumento em prol de quem tem as possibilidades de se empregar de argumentos científicos e administrativos. Perante essa situação os grupos locais e tradicionais ficam submetidos às execuções de dito poder, nesse sentido concordamos que através de “*instancias socializadoras*” (SETTON, 2002), como escolas, mídia, comunidade mesma e governo, os grupos com poder impõem uma episteme que consegue legitimar interesses alheios ao contexto e história da comunidade, embora não inteiramente, pois como mostrado anteriormente, se mantém, entre as pessoas do São José da Ilha, gostos por muitas expressões culturais tradicionais.

A situação de melhora que as pessoas perceberam com a chegada do empreendimento legitima ainda mais esta situação, mas, o que acontece com o que não é contado à comunidade sobre impactos no futuro e, sobre seus modos de vida que, até à atualidade, permitiram a realização das suas vidas desde as condições e necessidades reais, segundo sua episteme e práxis, são questões que ficam perante as meias verdades com as quais esse empreendimento conseguiu entrar e modificar a realidade da comunidade, que não foi somente no material, mas no simbólico.

8 Considerações finais

Os efeitos da atividade minerária -nos lugares que atinge- são sempre diferentes. Os efeitos na Ilha não são os mesmos daqueles municípios e comunidades que ficam mais perto do local de lavra e exploração do minério. Segundo o objeto desta pesquisa, que buscou dar conta de alguns aspectos referentes ao processo de mudança nos modos de vida após sua instalação, foi preciso conhecer esses modos de vida. Isto, permitiu constatar respeito às atividades de trabalho, que a renda depende, em grande parte, da presença das firmas na atualidade, seja pelos salários recebidos por quem trabalha nelas, ou pelas atividades e serviços que são gerados para atenção das pessoas que trabalham nestas firmas como por exemplo os alugueis de casas ou as vendas de refeições por encomenda. Assim, este contexto tem importante influência no processo de mudança destes modos de vida, pois da renda vai depender o acesso a bens e serviços e, dependendo do tipo de trabalho e sua jornada vai depender a possibilidade de fazer outras atividades que eram feitas antes da chegada do empreendimento.

Os moradores de São José da Ilha não percebem ocorrência de grandes danos no nível comunitário, aparentemente têm um lugar para habitar e continuar a vida da mesma forma que antes em diversos aspectos. Nesse sentido, as pessoas sentem que os impactos ocorrem, principalmente, no município vizinho de Conceição do Mato Dentro, existindo pouca consciência e conhecimento a respeito de consequências ao longo prazo em aspectos ambientais e sociais na comunidade própria. Existe assim, irresponsabilidade tanto governamental quanto empresarial ao apresentar os benefícios imediatos mas não, outras consequências, demonstradas em pesquisas realizadas em locais onde houve empreendimentos de grande porte, pois a comunidade fica em situação de vulnerabilidade ao aceitar e receber os ganhos imediatos e com incerteza a respeito do seu território e recursos no futuro.

Na comunidade, a presença do empreendimento pode ser considerada como uma “instância socializadora” das “instâncias socializadoras”, propostas por Setton (2002). Isto é, se as famílias, a escola, instituições e amigos, são instancias socializadoras que influem na formação do “*Habitus*”, a mineradora consegue cooptar essas instituições, pois estas são compostas pelas pessoas que fazem parte do contexto em que aconteceram essas melhorias: infraestrutura, empregos e movimentação econômica, o que tem continuidade no processo de reprodução social.

Levando em conta que o conhecimento da realidade é sempre parcial, falar de algo ou de alguém é possível quando se agregam argumentos que possam dar conta desse algo ou alguém. O feito nesta pesquisa é isso mesmo: uma procura pelo (re)conhecimento de uma realidade, que só consegue dar conta parcialmente do processo de mudança nos modos de vida decorrentes da atividade minerária. Nessa direção, constitui uma fase exploratória, que permite compreender, partes do fenômeno e que visa incentivar o aprofundamento do mesmo.

A religiosidade está sempre presente nas falas e nas atividades que realizam os moradores, seja de trabalho ou lazer, e de fato as festas mais importantes são festas religiosas.

São José da Ilha é um lugar que conserva tradições na alimentação, no sentido que são eles tanto coletores e produtores da matéria prima quanto consumidores dos produtos por eles preparados. Os insumos como a madeira e os produtos das hortas são elementos comuns que permitem parte da sua soberania alimentar. Porém, a chegada da atividade minerária tem impactado nesse sentido, pois afasta as pessoas da produção da própria comida.

A observação participante como método para conhecer os modos de vida, constitui uma estratégia chave na medida que permite perceber e compreender diversos aspectos e situações não possíveis usando outros métodos e técnicas de pesquisa, pois permite contato natural e informal com o agir cotidiano das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, N. Modelos de determinação social das doenças crônicas não-transmissíveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9 n. 4, p. 865-884, 2004.
- ANGLO AMERICAN. Minas-Rio recebe sinal verde. Licença de instalação-fase II permite construir a mina, o beneficiamento e a adutora. **Diálogo**, ano 2, n. 9, p. 1-8, dez 2010 / jan 2011.
- ARREGUI, A. Amazonian quilombolas and the technopolitics of aluminum. **Journal of Material Culture**, v. 20, n. 3, p. 249-272, 2015.
- ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - AGB. Seção local Rio-Niterói. Grupo de trabalho em assuntos agrários. Relatório dos impactos socioambientais do complexo industrial-portuário do açu. Rio de Janeiro, 2011.
- BARCELOS, E. (Coord.). O projeto Minas-Rio e seus impactos socioambientais: olhares desde a perspectiva dos atingidos. Relatório parcial. Minas Gerais-Rio de Janeiro, dezembro 2013. 100 p.
- BIDONE, E.D.; LAYBAUER, L.; CASTILHOS, Z.C.; MADDOCK, J.L. Environmental risk increase due to heavy metal contamination caused by a cooper mining activity in southern Brazil. Rio de Janeiro, **Anais Academia Brasileira de Ciências**, v. 73 n.2, p. 277 -286, 2001.
- BOURDIEU, P. **ARGELIA 60: estruturas económicas y estructuras temporales**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006, 168 p.
- BOURDIEU, P. Estructuras, hábitos y prácticas. In: El sentido práctico. Buenos Aires Siglo XXI, 2007, p. 85-106.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Difusão Editorial Ltda. Bertrand Brasil S.A. 1989, 311 p.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. La lógica de los campos. In: Una invitación a la sociología reflexiva. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005, p. 147-172.
- BOURG, D. **Natureza e técnica: ensaio sobre a ideia de progresso**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. 162 p.
- BRABO, E. DA S.; SANTOS, E.O.; JESUS, I.M.; MASCARENHAS, A.F.; FAIAL, K.F. Níveis de mercúrio em peixes consumidos pela comunidade indígena de Sai Cinza na Reserva Munduruku, Município de Jacareacanga, Estado do Pará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 2, p. 325 -331, 1999.
- BRAGA, A.L.F.; PEREIRA, L.A.A.; PROCÓPIO, M.; ANDRÉ, P.A.; SALDIVA, P.H.N. Associação entre poluição atmosférica e doenças respiratórias e cardiovasculares na cidade de Itabira, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 23 sup. 4, p. S570-S578, 2007.
- BRANDÃO, C. Outros olhares, outros afetos, outras idéias: Homem, saber e natureza. In: Somos as águas puras. Papirus, 1994.
- BRANDÃO, C. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 10, n. 001, p. 11-27, janeiro-junho 2007.
- BRASIL, Ministério das Minas e Energia - MME 2011 Plano Nacional de Mineração 2030. Geologia, Mineração e Transformação Mineral.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde. Brasília. Série B. Textos Básicos em Saúde. 2008. 68 p.

BRASIL. Ministério de Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Publicada no DOU nº12 – quinta-feira, 13 de junho de 2013, seção 1, p. 59.

BRASIL. Ministério de Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. Brasília, DF: 1 ed. 2013. 48 p.

BREILH, J. La determinación social de la salud como herramienta de transformación hacia una nueva salud pública (salud colectiva). **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, v. 31 supl. 1, p. 13-27, 2013.

BREILH, J. La epidemiología crítica: una nueva forma de mirar la salud en el espacio urbano. **Salud Colectiva**, Buenos Aires, v. 6 n. 1, p. 83-101, 2010a.

BREILH, J. Las tres 'S' de la determinación de la vida: 10 tesis hacia una visión crítica de la determinación social de la vida y la salud. In: Nogueira, R. P. Determinação Social da Saúde e Reforma Sanitária. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos em Saúde, CEBES, 2010b. p. 87-125.

BREILH, J. **Epidemiologia crítica**: ciencia emancipadora e interculturalidad. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2003.

BREILH, J. Un Enfoque de ecosistemas para la salud humana: Enfermedades transmisibles y emergentes. 1999. Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo; Programa de las Naciones Unidas para el Ambiente; Organización Panamericana de la Salud; Escuela Nacional de Salud Pública, FIOCRUZ, Rio de Janeiro. Nuevos paradigmas en la Salud Pública.

CABRERA, A.R.; VASQUEZ, L.A.; ABASCA, I.C. La pirámide de población. Precisiones para su utilización. La Habana, Cuba, **Revista Cubana de Salud Pública**, v. 33 n. 4, 2007

CARVALHO, A.S.C. et al. Levels of As, Cd, Pb and Hg Found in the Hair from People Living in Altamira, Pará, Brazil: Environmental Implications in the Belo Monte Area. São Paulo, **Journal of the Brazilian Chemical Society**, v. 20 n. 6, p. 1153 -1154, 2009.

CARVALHO, M.A. **Introdução à práxis indígena**: “Gente humana ou Gente natureza”: São Paulo, 2002. 102 p.

CARVALHO, S.S. Mito e conhecimento mítico. A busca da relação invisibilidade-visibilidade nas relações sociais das sociedades ditas primitivas, 1992. In: Seminário Temático II, 1992, Araraquara. Mulher em seis tempos. Araraquara, SP: UNESP, v. 1, p. 17-49, 1992.

COSTA, J.S.D.; BARCELLOS, F.C.; SCLOWITZ, M.L.; SCLOWITZ, I.K.T.; CASTANHEIRA, M.; OLINTO, M.T.A.; MENEZES, A.M.B.; GIGANTE, D.P.; MACEDO, S.; FUCHS, S.C. Prevalência de Hipertensão Arterial em Adultos e Fatores Associados: um Estudo de Base Populacional Urbana em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 88, n.1, p. 59-65, 2007.

DESLANDES, S.F. O projeto de pesquisa científica como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M. C. (Org.); GOMES, R.; DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Capítulo 2, p. 31-60.

DI GIULIO, G.M.; FIGUEIREDO, B.R.; FERREIRA, L.C.; ARAUJO DOS ANJOS, J.A.S. Experiências brasileiras e o debate sobre comunicação e governança do risco em áreas contaminadas por chumbo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17 n. 2, p. 337-349, 2012.

DIEGUES, A.C. **O mito da natureza intocada**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 161 p.

DIVERSUS AMBIENTE E CULTURA. Diagnóstico Socioeconômico da Área Diretamente Afetada e da Área de Influência Direta do empreendimento Anglo Ferrous Minas-Rio Mineração S.A. (Ex-MMX Minas-Rio Mineração S.A.) - Lavra a Céu Aberto com Tratamento a Úmido Minério de Ferro -

Conceição do Mato Dentro, Alvorada de Minas e Dom Joaquim/MG - DNPM Nº: 830.359/2004 - PA/Nº. 00472/2007/004/2009 - Classe 06. Belo Horizonte, MG, 2011.

DUMONT, E. A **“Caixa Preta do Cuidado”. Relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem.** 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais Silva. Belo Horizonte. 2012.

FERNANDES, F.M.B.; MOREIRA, M.R. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23 n. 2, p. 511-529, 2013.

FIDÉLIS, S.T. **Arraial de São Domingos: Sua história, contos e casos.** Belo Horizonte: Literatura. 2001. 232 p.

GEERTZ, C. **La interpretación de las culturas.** 12 ed. Barcelona: Gedysa, 2003. 387 p.

GONZÁLEZ, X.; MELO, D. Historizar el lugar para resistir el desplazamiento por minería de carbón: una aproximación teórica al caso de la comunidad de Boquerón en el Cesar. **Memoria y Sociedad**, Bogotá, v.19, n. 39, p. 107-126, 2015.

GUDYNAS, E. Conflictos y extractivismos: conceptos, contenidos y dinámicas. DECURSOS, **Revista en Ciencias Sociales**, Cochabamba, n. 27-28, p. 79-115, 2014.

GUERRA, I. Modos de vida. Novos percursos e novos conceitos. Sociologia, problemas e práticas. Lisboa, n. 13, p. 59-74, 1993.

GUSTIN, M.B.S.; SANTOS, B.S. (Coord.) Impactos da mineração na região de Conceição do Mato Dentro: Relatório parcial. Belo Horizonte, 2013.

HENRIQUES, A.B. **Mineração e ecologia política: um estudo de caso em Itamarati de Minas.** 2013. 188 f. Tese (Doutor em Ciências na área da Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

HENRIQUES, A.B.; PORTO, M.F.S. Mineração, agricultura familiar e saúde coletiva: um estudo de caso na região de Itamarati de Minas-MG. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1361-1382, 2015.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/1P2>>. Acesso em: 14 nov. 2016

JERÔNIMO, R.N.T.; SOUZA, R.V.C. Psicologia ambiental: um estudo de resistência frente à mineração em Içara, SC. **Psicologia e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 80-86, 2015.

LAHIRE, B. O singular plural. Tradução de Thiago Panica Pontes. Paris: La Découverte, 2013. Disponível em: <http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2013/12/2_Lahire.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016

LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico.** 22nd ed. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 2008. 117 p.

LEITE, J.C.; SCHÜLER-FACCINI, L. Defeitos Congênitos Em Uma Região de Mineração de Carvão. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n.2, p. 136 -141, 2001.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 137-155

LOYOLA, R.C.B.R.; CARNEIRO, A.P.S.; SILVEIRA, A.M.; ROCA, P.F.; NASCIMENTO, M.S.; CHAVES, R.H.M. Efeitos respiratórios da exposição ao talco industrial em ex-trabalhadores de mineração. São Paulo, **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n.3, 2010.

LURIA, A.R. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: Curso de psicologia geral, v.1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 71-84.

MEDEIROS, M.S.; HURTADO-GUERRERO, J.C.; SILVA, L.G.A. A saúde no contexto do polo gesseiro de Araripina-Pernambuco, Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 358-370, 2010.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário. Agricultura familiar em Minas Gerais: conceitos, marco legal, siglas, conselhos, federações e articulações. Versão 2.0.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento** Pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo, 2000. 269 p.

MINAYO, M.C.O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C. (Org.); GOMES, R.; DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Capítulo 1, p. 9-30.

PEREIRA, D.C. Mineração, sociedade e meio ambiente: desenvolvimento para quem? In: PEREIRA, D.C.; ALBUQUERQUE, L.M.; CAMPOS, S.M. **Universidade e sociedade, desafios e perspectivas contemporâneos: relatos do IX seminário de Extensão Universitária da PUC Minas**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015, p. 54-60.

PINHEIRO FILHO. F. A noção de representação em Durkheim. **Luanova**, n. 61, p. 139-155, 2004.

POLO, A.P.E. Modos de vida, una categoría esencial en geografía y salud. In CLACSO. Serie Estudios sobre la pobreza y las desigualdades no. 6. Buenos Aires: CLACSO, 2016, p. 1-23.

PORTO, M.F.; FINAMORE, R. Riscos, saúde e justiça ambiental: o protagonismo das populações atingidas na produção de conhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 6, p. 1493-1501, 2012.

PORTO, M.F.; MARTINEZ-ALIER, J. Ecologia política, economia ecológica e saúde coletiva: interfaces para a sustentabilidade do desenvolvimento e para a promoção da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, supl. 4, p. S503-S512, 2007.

PREFEITURA DE DOM JOAQUIM. Disponível em <<http://domjoaquim.mg.gov.br/home/prefeitura/nossacidade/>>. Acesso em: 14 nov. 2016

PROGRAMA CIDADE E ALTERIDADE: CONVIVÊNCIA MULTICULTURAL E JUSTICA URBANA. Impactos sociais, econômicos, ambientais e de trabalho em Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim e Alvorada de Minas/MG; Relatório. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

RIGOTTO, R.M. Inserção da saúde nos estudos de impacto ambiental: o caso de uma termelétrica a carvão mineral no Ceará. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n.6, p. 2049-2059, 2009

SAKUMA, A.M.; CAPITANI, E.M.; FIGUEIREIDO, B.R.; MAIO, F.D.; PAOLIELLO, M.M.B.; CUNHA, F.G.; DURAN, M.C. Arsenic exposure assessment of children living in a lead mining area in Southeastern. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 391-398, 2010.

SANTOS, M.A redescoberta da natureza. In: O espaço da cidadania e outras reflexões: Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011 p. 41-58.

SANTOS, E.C.O.; CÂMARA, V.M.; BRABO, E.S.; LOUREIRO, E.C.B.; JESUS, I.M.; FAYAL, K.; SAGICA, F. Avaliação dos níveis de exposição ao mercúrio entre índios Pakaanóva, Amazônia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 199-206, 2003.

SETTON, M.G.A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea v. 20, p. 60-70, 2002.

VILLEGAS, P. Amistades peligrosas: Notas sobre movimientos sociales y gobiernos progresistas. In:

Extractivismo: Nuevos contextos de dominación y resistencias. Centro de Documentación e Información Bolivia CEDIB, 2014, p. 9-66.

VON HILDEBRAND, M. Cosmovisão e o conceito de doença entre os Ufaina. *In* Medicina Shamanismo y Botánica. Bogotá: Funcol, 1983.

WATANABE, C.B.; FERREIRA, G.C. Impactos sociais da mineração do folhelho pirobetuminoso sobre a Comunidade rural Dois Irmãos, desapropriada para fins de utilidade pública. RA'E GA, Curitiba, v. 23, p. 376-397, 2011.

WORTMANN, E.F.; WORTMANN K. **O trabalho da terra**: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. 192 p.

ZUCARELLI. M.C.; SANTOS. A.F.M. A desregulação ambiental e a dinâmica dos conflitos urbanos: O caso da mineração Minas-Rio. Encontro Nacional ANPUR. Espaço, planejamento e insurgências. XVI ENANPUR, Rio de Janeiro, 2016. 18 p.

ANEXOS E APÊNDICES

Anexo A

Roteiro das entrevistas

O que você faz no seu dia-a-dia?

O que você faz de trabalho? Mudou com a chegada da mineração?

Que uso você faz da terra? Mudou com a chegada da mineração?

Como sua família obtém a alimentação, a água e as roupas? E as outras despesas da casa?

O que você acha importante para o desenvolvimento da comunidade e das pessoas daqui?

Como você entende a atividade mineraria?

A mineração traz coisas boas ou coisas ruins? Como era sua vida antes da chegada da mineração, como é agora?

Quais atividade a mineradora desenvolve na comunidade em questões sociais, ambientais e de saúde?

Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Anexo B

Carta de copartícipe

**PREFEITURA MUNICIPAL DE DOM JOAQUIM**
SECRETARIA DE SAÚDE**DECLARAÇÃO**

Declaro ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa intitulado: "Processo de geração-modificação de modos de vida em um povoado rural do município de Dom Joaquim sob impacto de atividade minerária" e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia da segurança e bem-estar dos pesquisadores responsáveis, Prof.^a Dra. Rosana Passos Cambraia e o mestrando Andrés Felipe Ramírez Giraldo.

Dom Joaquim/MG, 01 de julho de 2016.

William Sejimo de Ávila
Secretário Municipal de Saúde
Dom Joaquim/MG

William Sejimo de Ávila
Secretário Municipal de Saúde
Dom Joaquim/MG

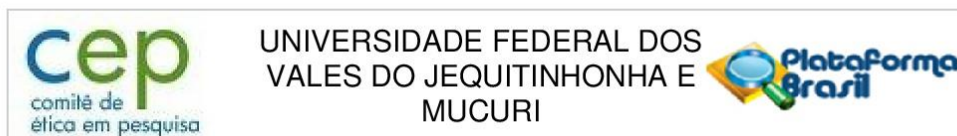
Anexo C

Parecer

consubstanciado

do

CEP



Continuação do Parecer: 1.637.984

ILHA no município de Dom Joaquim (MG), nos aspectos da relação das pessoas com o ambiente e das SUAS relações sociais e, A CONEXÃO DESSAS MUDANÇAS com comportamentos bons ou prejudiciais para a saúde após a chegada da atividade minerária.

Objetivo Secundário:

- Verificar as mudanças no entorno trazidas pela atividade mineraria e os efeitos na relação entre as pessoas e, das pessoas com o entorno - Descrever e interpretar os comportamentos desenvolvidos na comunidade após a implantação da atividade mineraria e sua transformação em padrões bons ou prejudiciais para a saúde da comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo a resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sempre existem riscos que no caso desta pesquisa podem ocorrer nas dimensões social, cultural ou espiritual, pois ao querer conhecer e desvendar alguns aspectos do modo de vida da comunidade, haverá contato com as suas crenças, tradições e cotidianidade, podendo trazer constrangimentos NAS PESSOAS advindos da observação. Mas para atenuar possíveis riscos, as atividades do pesquisador na comunidade buscarão respeitar os momentos e rotinas dos moradores em seu próprio LUGAR.

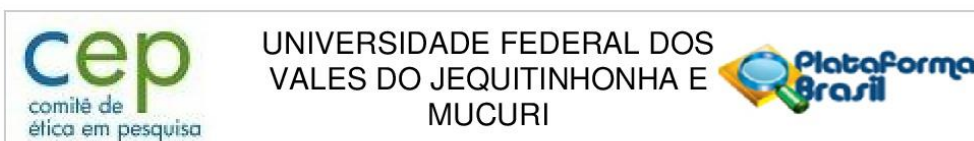
OUTROS RISCOS PODEM OCORRER NO MOMENTO DA ENTREVISTA, COMO CONSTRANGIMENTO EM RESPONDER ALGUMAS PERGUNTAS PELO TEMA CONVERSADO OU PELO LUGAR ONDE SERÁ FEITA. PARA EVITAR ISTO, OS PARTICIPANTES PODERÃO A QUALQUER MOMENTO DECIDIR EM NÃO RESPONDER À(S) PERGUNTA(S) OU PEDIR O FIM DA ENTREVISTA; OS PARTICIPANTES PODERÃO DECIDIR QUAL O LUGAR MAIS COMODO PARA A ENTREVISTA.

ALÉM DISSO, PODE ACONTECER QUEBRA DO SIGILO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS, OBTIDAS NAS ENTREVISTAS, AS QUAIS SÃO INFORMAÇÕES PRIVADAS E PODEM SER USADOS COM OUTROS FINS DIFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA. A FIM DE EVITAR ISTO, ALÉM DO COMPROMETIMENTO ÉTICO DOS PESQUISADORES EM MANTER O ANONIMATO, DEPOIS DE OBTENÇÃO DAS INFORMAÇÕES DAS ENTREVISTAS E REALIZADAS AS SUAS ANÁLISES, ESTAS SERÃO APAGADAS, NÃO PERMITINDO ASSIM A IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE.

Benefícios:

O projeto tem como benefício maior a visibilização das mudanças que a mineração traz para uma comunidade NOS ASPECTOS SOCIAIS, CULTURAIS E AMBIENTAIS e as possíveis consequências sobre a saúde, podendo ser aproveitado o conhecimento gerado para o planejamento de ações e programas visando o bem-estar da população local. O desfecho principal será um relatório

Endereço: Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000
Bairro: Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000
UF: MG **Município:** DIAMANTINA
Telefone: (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.637.984

completo e um relatório resumo com informação construída entre as pessoas da comunidade e os pesquisadores com o propósito de apresentar para instituições governamentais e acadêmicas de maneira que possa ser aproveitado para a construção de políticas e programas inclusivos, além, dar continuidade ao debate acadêmico nos aspectos CULTURAIS, sociais, ambientais e sua relação com a saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo qualitativo com observação participante que Minayo (2000), trazendo um parágrafo de Schwartz & Schwartz define como:[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observadores e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto" (MINAYO, 2000, p. 135).

Participantes e fontes de informação: As fontes primárias de informação serão as pessoas que moram na comunidade rural São Jose da Ilha do município de Dom Joaquim, MG, atingida pela atividade minerária. O pesquisador terá a função de observar e registrar situações que poderão não estar incluídas nas entrevistas. HAVERÁ USO DAS SEGUINTE FONTES SECUNDÁRIAS: FICHAS A DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS) COM ANUENCIA DA SECRETARIA DE SAÚDE; DOCUMENTOS LEGAIS, INFORMAÇÕES DE BASES DE DADOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

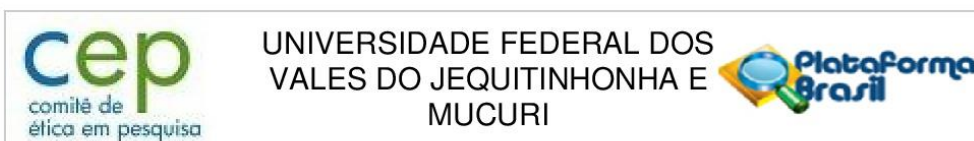
Material

Para a coleta de informações será usado um diário de campo para o registro por parte do pesquisador, câmara fotográfica para registro de imagens, e gravador de voz para as entrevistas. SERÁ UTILIZADO UM COMPUTADOR PARA ANÁLISES DAS ENTREVISTAS E PARA A ESCRITA DOS RELATÓRIOS DE ATIVIDADES, ASSIM COMO PARA A CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE. SERÁ EMPREGADO O APLICATIVO EXCEL (MICROSOFT OFFICE), COM INFORMAÇÕES OBTIDAS NAS FICHAS A, PROVIDAS PELA SECRETÁRIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE DOM JOAQUIM.

Procedimentos:

O pesquisador estará na comunidade durante algumas semanas de forma que possa captar e compreender as mudanças trazidas pela atividade mineraria NOS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E AMBIENTAIS E AS LIGAÇÕES DAS MUDANÇAS NESTES ASPECTOS, COM A CRIAÇÃO PADRÕES DE COMPORTAMENTO BONS OU PREJUDICIAIS PARA A SAÚDE. Será realizado registro de notas de campo EM UM CADERNO DE USO DO PESQUISADOR e registro de imagens, com câmara fotográfica

Endereço: Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000
Bairro: Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000
UF: MG **Município:** DIAMANTINA
Telefone: (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.637.984

DO ENTORNO DA COMUNIDADE, DAS PESSOAS E SUAS MORADIAS QUANDO ELES CONCORDAREM. ESTES REGISTROS permitirão obter outras percepções e dados que não podem ser registradas NAS entrevistas. Serão REALIZADAS entrevistas abertas, AS QUAIS serão gravadas com gravador DIGITAL de voz. Haverá uso de um roteiro DE ENTREVISTA (Anexo 1). Serão utilizadas informações secundárias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB), ASSIM COMO com base nas informações oriundas das fichas A do SUS. AS INFORMAÇÕES SERÃO USADAS PARA CARATERIZAÇÃO SIMPLES DA COMUNIDADE EM ALGUNS ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E DE PAISAGEM. A ENTRADA NA COMUNIDADE SERÁ JUNTAMENTE COM O AGENTE COMUNITARIO DE SAÚDE DO DISTRITO, DE MANEIRA QUE O PESQUISADOR POSSA IR CONVERSANDO COM AS PESSOAS DA COMUNIDADE E CONHECENDO AS QUE CUMPREM COM OS CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS. ANTES DAS ENTREVISTAS SERÁ LIDO E ESCLARECIDO O TCLE PARA A PESSOA QUE ACEITAR PARTICIPAR ESPONTANEAMENTE. AS OBSERVAÇÕES E REGISTROS DE IMAGENS SERÃO REALIZADAS NA MEDIDA QUE O PESQUISADOR FOR CONHECENDO PESSOAS QUE QUISEREM CONVERSAR E FALAR SOBRE O ASSUNTO E MOSTRAREM SITUAÇÕES REFERENTES A QUESTÕES CULTURAIS.

Metodologia de Análise de Dados:

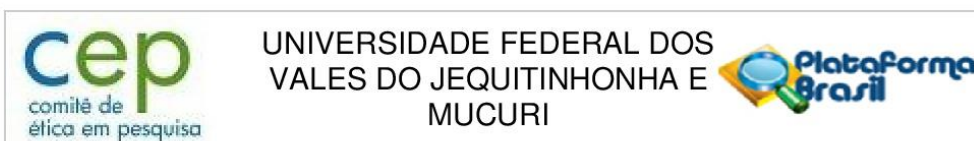
As entrevistas serão analisadas com o método de análise de conteúdo usando a técnica de análise temática proposta por Minayo. Essa "consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. (...) qualitativamente a presença de temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso". (2000, p. 208 - 211)

Basicamente são três etapas: Pre-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira consiste em fazer leitura do "conjunto das comunicações obtidas, isto é, ter contato exaustivo neste caso com as gravações das entrevistas, as notas de campo e as imagens registradas; organização do material com a ideia de cumprir critérios de validade: exaustividade (que contempla os aspectos levantados no roteiro), representatividade (represente a comunidade), homogeneidade (obter a informação através dos meios adequados e das pessoas adequadas), pertinência (coerência com os objetivos da pesquisa); e, formulação de hipóteses e objetivos. Aqui se contrastam objetivos iniciais com os dados obtidos, já que a pesquisa deve ser flexível, pois no transcurso podem aparecer hipóteses.

A segunda etapa (exploração do material), consiste na codificação onde se terão recortes de texto em unidades de registro (palavras, frases, um acontecimento...), depois, será feita uma

Endereço: Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000
Bairro: Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000
UF: MG **Município:** DIAMANTINA
Telefone: (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 1.637.984

classificação segundo categorias teóricas ou empíricas, essas últimas surgidas do trabalho de campo. Finalmente, a interpretação dos significados das unidades de fala e registros obtidos. INICIALMENTE CONTAREMOS com TRÊS aspectos principais que são: A CULTURA, o ambiente e a sociedade (SENDQ QUE ELES ESTÃO INTERLIGADOS), os quais SERÃO relacionados às categorias resultantes das entrevistas e as observações que serão definidas posteriormente, isto é, a categorização e codificação. Os dados coletados nas notas de campo e as imagens servirão PARA MELHOR CONHECER A SITUAÇÃO DA COMUNIDADE, ASSIM como apoio e elementos relacionais para melhor documentação DOS ACHADOS. Para consolidação dos dados, será empregado o aplicativo de informática Nvivo9 (QSR International), o qual funcionará como uma ferramenta para a gestão e análise de dados qualitativos, organizando imagens, sons, textos e transcrições, além de dados secundários obtidos na comunidade e na sede do município. Serão realizadas consultas aos bancos de dados do IBGE e do Datasus do SIAB. Serão obtidas informações por meio das fichas A do SUS, que serão tabuladas utilizando o aplicativo de informática Excel (Microsoft Office®). A Estratégia de Saúde da Família (ESF) do distrito será visitada, e as fichas A serão consultadas na área de cobertura.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi apresentado o Projeto de Pesquisa, Folha de Rosto, Cronograma, e TCLE.

Recomendações:

- Segundo a Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS, de 21/03/11, há obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do TCLE pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador, que deverá também assinar sua assinatura na última página do referido termo.

- Relatórios final deve ser apresentado ao CEP ao término do estudo em 14/01/2017. Considera-se como antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto atende aos preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos preconizados na Resolução 466/12 CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000
Bairro: Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000
UF: MG **Município:** DIAMANTINA
Telefone: (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep@ufvjm.edu.br